

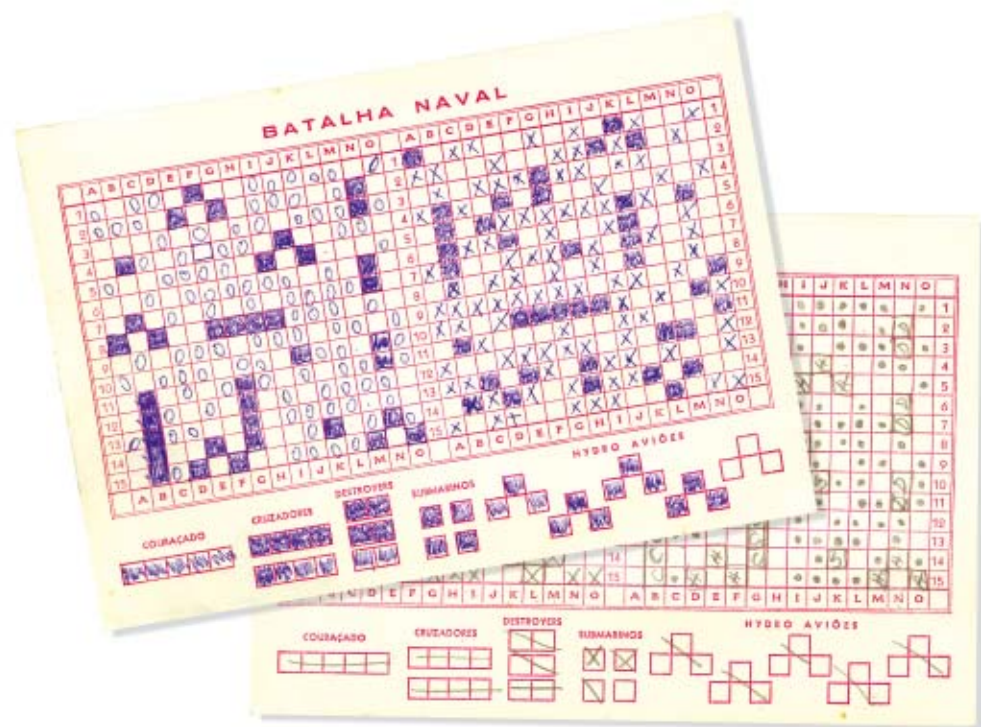
# NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Professor On-line  
Tire suas dúvidas  
sobre piolho



## NÓS DA ESCOLA

No próximo número:  
Práticas Pedagógicas





# NÓS DA ESCOLA

<b>Editorial</b> _____	<b>4</b>
Planejamento escolar	
<b>Cartas</b> _____	<b>5</b>
Música no Giramundo, Espaço do professor e Calendário	
<b>Ponto e Contraponto</b> _____	<b>6</b>
Lucia Rabello de Castro, do Instituto de Psicologia da UFRJ, discute a dificuldade de se estabelecer, hoje, limites para as crianças	
<b>Zoom</b> _____	<b>10</b>
Quem sabe se planejar?	
<b>Atualidade</b> _____	<b>12</b>
A juventude está armada	
<b>Pé na Estrada</b> _____	<b>15</b>
A inclusão de alunos portadores de necessidades educativas especiais	
<b>Capa</b> _____	<b>18</b>
Um debate sobre planejamento	
<b>Professor On-line</b> _____	<b>24</b>
Dicas para evitar e combater o piolho	
<b>Carioca</b> _____	<b>25</b>
Escola Promotora de Saúde, programa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro	
<b>Olho Mágico</b> _____	<b>27</b>
A equipe que seleciona as produções estrangeiras da programação da MULTIRIO	
<b>Especial Século XX1</b> _____	<b>28</b>
Como montar um projeto	
<b>Caleidoscópio</b> _____	<b>29</b>
Os programas da MULTIRIO na sala de aula	
<b>Rede Fala</b> _____	<b>32</b>
Por uma prática educativa mais consciente	
<b>Tudoteca</b> _____	<b>34</b>
O encontro entre arte e literatura	



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 22260-210 • [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)  
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • Sonia Mograbi - Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis - Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Éliada Vaz - Assessora de comunicação e ouvidora • Guaira Miranda - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: Alberto Jacob Filho - Fotografia • Cristina Campos, Cristina Morel, Joanna Miranda e Suely Barreto - Conteúdo • Erick Grigorovski, Eduardo Filipe e Marcus Martins - Ilustração • Elias Moraes - Produção gráfica • Marcus Tadeu Tavares - Reportagem • Martha Neiva Moreira - Edição • Nancy A. Soares e Carla Helal - Revisão • Tania Oliveira - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: Gráfica Esdeva • Tiragem: 40 mil exemplares



No ano de 2003, foi previsto no Calendário Escolar um período para que as escolas pudessem realizar um diagnóstico de sua realidade com vistas à elaboração de seu planejamento, contemplando proposta presente em todas as sugestões encaminhadas a nós pelo campo. Além dos dias do início do ano, foi reservado um dia em agosto para o replanejamento das ações, que deverá ser feito em função da análise dos resultados obtidos no 1º semestre.

O momento do planejamento é de reflexão sobre a escola e neste planejamento escolar devem estar previstos os desdobramentos dos diferentes eixos do Projeto Político-Pedagógico, seus principais objetivos, sua população alvo, as atividades e seu período de execução, além dos recursos humanos, materiais e financeiros de que a escola dispõe para o seu desenvolvimento, sendo a avaliação ponto fundamental.

Não sendo de responsabilidade apenas do Diretor de Escola, mas sob a liderança deste, o planejamento deve ser elaborado e constantemente avaliado por toda a equipe escolar, e é a partir dele que se desenvolvem os planejamentos específicos dos professores.

A gestão participativa é condição imprescindível para a obtenção de bons resultados no planejamento previsto, pois ela propicia o amplo debate em relação às questões surgidas, o fluxo de informações, a transparência no uso dos recursos e a busca coletiva de caminhos para a superação das dificuldades. A cada ano, o planejamento deve ser socializado para toda a comunidade escolar no sentido de acompanhar seus desdobramentos e as estratégias para um trabalho de sucesso.



**Sonia Mograbi**  
Secretária Municipal de Educação

### Música no Giramundo

Fiquei impressionada com a qualidade da abordagem do Giramundo Música como linguagem. O Giramundo número 12 está excelente. Acredito que o trabalho com a música desenvolve nos alunos a criatividade, o interesse, a sensibilidade. Trabalho muito com a ajuda da música em sala de aula, seja levando CDs variados, seja aproveitando alguma música para incentivar um novo assunto, seja levando até instrumentos musicais para que eles os conheçam. O Projeto Político-Pedagógico de minha escola deste ano é justamente sobre os meios de comunicação, enfatizando a informática. O projeto chama-se: *www.g@mafilho.com.br* uma conexão com o mundo. Isto tem proporcionado aos professores uma infinidade de abordagens, que podem ser usadas desde a Educação Infantil até a 8ª série. Como a escola já possui uma equipe de rádio, jornal, coral, dança, informática, tudo ficou mais fácil.

### Mariza Schroder @

Professora da Escola Municipal Ministro Gama Filho, Lins de Vasconcelos, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A equipe da MULTIRIO fica feliz em estar contribuindo para a prática do trabalho do professor. O Giramundo sobre música foi feito a partir de uma sugestão de uma professora da rede.

### Espaço do professor

Sou professor/pedagogo e trabalho na Rede Municipal desde fevereiro de 2002. Uma das coisas que mais gosto de fazer é escrever. Sempre fui muito incentivado a ler e isso acabou despertando meu interesse também pela escrita. Em outubro do ano passado tive um artigo publicado no site da MULTIRIO. Ao ler a revista *Nós da Escola* número 12 fiquei entusiasmado em participar da seção "Rede Fala". Estou mandando um artigo sobre Educação Ambiental. Espero que gostem.

### André Nogueira Mendes @

Professor da Escola Municipal João de Camargo, São Cristóvão, Zona Norte, Rio Janeiro (RJ)

N. da R. - Professor, recebemos seu artigo. A equipe irá analisá-lo e entrará em contato com o senhor. Obrigado pela atenção e pelo carinho.

Caro professor,

Após completarmos um ano de publicação de *Nós da Escola* fizemos uma pausa na distribuição da revista, acompanhando o recesso do mês de julho. Nosso trabalho continua, contando sempre com sua valiosa colaboração.

Todos os meses a sua revista estará esperando por você!

Atenciosamente,  
Equipe do Núcleo de Publicações



### Calendário

A *Nós da Escola* número

11 trouxe encartado o calendário do primeiro semestre de 2003, com o texto *A Escola*, de Paulo Freire, que veio ao encontro das discussões que estavam acontecendo em nossa escola naquele momento, e continuará presente em discussões futuras. Nós, do J. I. Rubem Braga, acreditamos que a função da escola é, acima de tudo, preparar a criança para o pleno exercício de uma cidadania atuante e autônoma, indo muito além da transmissão de informações.

Somos uma escola de Educação Infantil e tentamos criar, aqui, um clima de amizade. Queremos que nossos alunos formem amigos que os acompanhem durante um longo período de suas vidas. É neste contato da criança com a escola que ela vai formar sua primeira impressão deste lugar, que pode ser maravilhoso e encantador. A escola não é apenas sua estrutura física, mas é, fundamentalmente, sua estrutura emocional. Quando uma criança se relaciona bem com as pessoas que a cercam, encontra-se em vantagem na busca do conhecimento. Ao estabelecer vínculos afetivos na escola, faz dela um segundo lar. Na nossa escola somos felizes!

Renata Ponce de Leon  
e Ana Cristina Ebert @

Escola Municipal Jardim de Infância Rubem Braga, Lagoa, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Um dos objetivos da revista é contribuir exatamente para o trabalho diário dos educadores.

✉ Carta    ☎ Telefone    @ E-mail

# O desafio de exercitar a autoridade

**Estabelecer limites. Sem dúvida, uma tarefa difícil. De um lado, adultos em dúvida sobre seus valores e sua posição de autoridade frente a crianças e jovens. De outro, crianças e jovens que parecem cada vez mais certos daquilo que querem ou não. Diante desta situação, o que fazer? Questão complicada, mas que tem sido alvo de reflexão por parte de estudiosos de várias áreas do conhecimento. “Se, como adultos, abrimos mão de dar limites, estamos, então, nos esquecendo da nossa função geracional - sem o que não existiria sociedade humana - que é de passar e transmitir às gerações mais novas os valores que construímos e acreditamos”, observa Lucia Rabello de Castro, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de**

**Pesquisa e Intercâmbio para Infância e Adolescência Contemporâneas (Nipiac), da UFRJ, e professora da pós-graduação do Instituto de Psicologia da mesma universidade. Nesta entrevista, Lucia e Renata Alves de Paula Monteiro, assistente de pesquisa do Nipiac, discutem, entre outros assuntos, os desafios que impõem à relação professor-aluno.**

Renata Alves e Lucia Rabello de Castro



**Recentemente o jornal O Globo publicou uma entrevista em que uma psiquiatra dizia que, nos últimos anos, certas teorias psicológicas e educacionais colaboraram para a idéia de que não se pode frustrar a criança. A senhora concorda? Por quê?**

**Lucia** - É preciso estar atento para dois aspectos. Primeiro, para a questão da divulgação do conhecimento científico e, segundo, como ele é assimilado nos meios não científicos e leigos. Não se pode dizer, estritamente falando, que as teorias psicológicas “colaboraram” com a idéia de que não se pode frustrar uma criança porque nenhuma teoria psicológica ou educacional diz ou insinua tal visão. Neste sentido, não há esta “colaboração”. Não se pode também ter controle total de como certas teorias científicas serão assimiladas pelo público leigo porque a difusão nem sempre fica a cargo dos cientistas e acadêmicos, mas dos profissionais de mídia e outros que fazem o trabalho de “traduzir” essas teorias, tornando-as mais “palatáveis” para o público, ou até fazendo seus próprios recortes do que deve ser divulgado ou não. Portanto, existe uma cadeia de ressignificação das teorias entre sua produção na academia até chegar ao público em geral. A outra questão é que podemos hoje observar que existe realmente muita indulgência no trato com as crianças, principalmente com crianças de determinados segmentos sociais. Perguntam-nos o que aconteceu com os pais e os adultos, em geral, que não se colocam mais no lugar da autoridade, abrem mão de sua função de educadores, vacilam quando têm que dizer não e colocar limi-

tes nas crianças e nos jovens. Acho simplista dizer que foram as teorias psicológicas e educacionais que levaram a esse estado de coisas. Penso que há, de uma maneira geral, uma crise de valores nas nossas sociedades. Os pais e adultos se sentem, talvez, menos convictos de afirmar seus próprios valores frente aos filhos, já que o mundo mudou tanto e não sabemos para onde vamos... Por outro lado, a posição da criança no mundo também mudou muito. Isso se deve ao tipo de sociedade que construímos, baseada no consumo de bens e na promessa de felicidade e prazer a qualquer custo para qualquer um, inclusive para a criança. Então, a criança, que antes era vista como um sujeito menos ativo e mais submetido à vontade dos pais e adultos, passa a ser vista como “cheia de vontades”, daquilo que quer e do que não quer, buscando também seu próprio prazer. E aí os adultos se desorientam ainda mais, porque não sabem como lidar com mais essa novidade: se “cultivam” e acham positivo esse lado da “nova criança” - já que isso parece tão moderno -, ou se agem “como antigamente” se colocando do lado do saber. No primeiro caso, tratam a criança como um igual a eles, abrindo mão do lugar de autoridade como educadores; no segundo, evitam o mal-estar gerado pelas grandes mudanças do nosso mundo, as quais exigem que nós também mudemos. Portanto, não é o caso de sucumbir às pressões e ditames da época, e nem de permanecer inflexível e parado no tempo. Há que se refletir muito para poder enfrentar os desafios que a nossa época nos coloca.

**A senhora acredita que essa “educação sem limites” estaria na base da violência cometida pelos jovens hoje?**

**Lucia** - Diria que “educação sem limites” é uma expressão contraditória porque toda educação dá limites; o papel mesmo da educação é colocar limites, senão não seria educação. Se, como adultos, abrimos mão de dar limites, então estamos nos esquecendo da nossa função geracional - sem a qual não existiria sociedade humana - que é de passar e transmitir às gerações mais novas os valores que construímos e acreditamos. E é nesse sentido que há imposição de limites, pois toda educação tem que deslocar os sujeitos, ou seja, desposicioná-los de onde estão inicialmente para que “cheguem” a algum lugar. Digamos que seja um caminho a percorrer, uma travessia do “eu para o outro”, já que as

crianças têm que chegar mais perto da posição dos adultos. Ou, dizendo de outra maneira, que as crianças se identifiquem com os adultos, aceitem, pelo menos em parte, ou com reservas, o legado que os adultos têm a transmitir. E aí vejo uma violência, no sentido simbólico, é claro. Você fala de violência na sua pergunta, mas de outra violência, a violência atuada. Aqui estou falando que toda educação tem um lado violento, pelo deslocamento que temos que fazer frente ao outro. Nisso há uma limitação ao que queremos e desejamos. E sem isso, por incrível que pareça, o que impera é a violência atuada, da qual você fala. A violência que ocorre pela falência nas identificações, por cada um achar que é mais “soberano” do que o outro, que ninguém “deve nada a ninguém”. Essa violência, certamente, tem a ver com a falta absoluta de limites, de modelos e de identificações.

**Em que medida a psicologia pode contribuir para a compreensão dos desafios que se apresentam atualmente na relação professor-aluno?**

**Lucia** - Todos nós, professores, fomos aquinhoados com uma dura tarefa nos nossos dias. Se há um mundo em transformação,

“É difícil estar hoje nesse lugar de autoridade, de educador, de modelo. O que podemos fazer? Penso que é importante, para começar, ter a convicção de que esse lugar, de professor, é seu”



“**A capacidade de escutar o outro não é dada, é aprendida. A escola pode ser o lugar de tornar possível essa aprendizagem**”

não podemos escapar nem para a celebração do passado, nem para “deixar rolar” o presente, porque está muito difícil tomar posições. A nossa posição é difícil porque, muitas vezes, sem termos absoluta certeza, temos que assumir posições frente aos jovens e crianças. É muito difícil estar hoje nesse lugar de autoridade, de educador, de modelo, pelas razões de que falei acima. O que podemos fazer? Penso que é da maior importância, para começar, ter a convicção básica de que esse lugar - o de professor - é seu. Isso significa estar ali porque se gosta, porque se tem prazer em educar, porque se vê algum sentido nesta tarefa. E por que isso seria tão importante? Porque se trata da base sobre a qual toda tarefa do professor é construída. Quer se trate de crianças, jovens ou adultos jovens, toda educação passa por uma construção afetiva com “alguém” que está num outro lugar onde o educando quer chegar. Pelo menos esse parece ser o caminho para se formar sujeitos dentro do que chamamos e reconhecemos como sensibilidades humanas. Não sei como seria, dando um exemplo de ficção, se crianças e jovens, num determinado momento, fossem educadas por máquinas. Certamente, seriam outros sujeitos humanos, com outras sensibilidades as quais hoje nem poderíamos prever ou co-

aqui porque represento o que construímos e temos a legar a vocês (alunos)”. Portanto, é nesse sentido que o lugar de professor(a) tem que ser considerado pelo próprio - de se estar ali convicto de querer e poder realizar tal tarefa. E não apenas no sentido instrumental: “estou aqui para ganhar o meu dinheiro”, por exemplo, porque senão a instrumentalidade fica sendo também a arma do educando: “estou aqui para pegar o meu diploma da maneira mais fácil possível”; “estou aqui para comer a merenda” etc. O grande desafio a evitar na relação professor-aluno seria, a meu ver, a instrumentalização desta relação, em que cada envolvido “usa” a relação não como um fim em si mesmo - o do conhecimento -, mas como meio. Com isso, não quero dizer que os professores não tenham que batalhar por melhores condições de trabalho, remuneração etc., já que se trata de sua sobrevivência. Quero dizer que essas lutas não devem confundir a opção fundamental que a posição de professor(a) requer - a de fazer do lugar de professor(a) o “seu” lugar no mundo.

**Em que medida uma escola que não respeita a diversidade favorece o comportamento violento de alunos e professores?**

**Renata** - A escola possui uma importante função, não só enquanto lugar do saber formal, mas também pelo seu papel de mediadora de relacionamentos. Em nossa pesquisa, pudemos observar que a escola possui uma grande importância na fala de crianças e jovens enquanto espaço de convívio coletivo. É o primeiro lugar coletivo que a criança aprende a ocupar, em contraposição ao espaço privado, familiar da casa. A diversidade está presente na cidade e as crianças e os jovens são sensíveis a essa diversidade. No entanto, no horizonte da cidade, isso pode acabar aparecendo de forma um pouco caótica. A escola tem a possibilidade de ajudar esses sujeitos a darem sentido a esta diversidade, a elaborarem não só intelectualmente mas também afetivamente esta diversidade. Muitas vezes, conviver com a diversidade não é fácil, podendo gerar angústia, insegurança, e até mesmo violência. Esta violência talvez venha de um grande distanciamento entre a criança e este outro diferente, uma impossibilidade de até poder pensar neste outro como um igual, como

uma pessoa, como um ser humano. Neste sentido, a escola deve promover não só o acesso à diversidade, mas também a discussão em torno desta questão.

**O professor deixou de ser o transmissor de conhecimentos para se tornar o mediador do processo de constituição de conceitos, conhecimento e valores, incentivando o debate e a autonomia. Nesse sentido, que limites ele precisa estabelecer para que a dinâmica em sala de aula se desenvolva plenamente?**

**Lucia** - Seria fundamental que essa dinâmica pudesse desenvolver a capacidade de todos de se escutarem uns aos outros. Hoje, há uma falência na escuta verdadeira; todos querem ser ouvidos, mas ninguém quer escutar o outro. Escutar o outro demanda, em primeiro lugar, dar tempo ao outro. É necessário modificar - e isso é muito difícil - o ritmo em que vivemos, da pressa, da velocidade, da impaciência. O outro sempre se expressa num ritmo “outro”, ou seja, que não é o nosso. Portanto, escutar o outro significa “aprender” a conviver com a diferença. Algumas vezes, no nosso trabalho com jovens e crianças em escolas e outras instituições, quando fazemos grupos de discussão sobre suas vivências na cidade, constatamos que a tarefa do grupo não pode ser alcançada por esse motivo: as crianças não se escutam, mas gritam umas com as outras o tempo todo, se batem, e é muito difícil prestarem atenção quando alguém fala. Então a tarefa acaba por ficar sendo essa mesma - “a de aprenderem a se escutar”. Algumas vezes também só se escuta o que se quer. Há uma recusa em escutar

aquilo que pode gerar desconforto e mal-estar. Então, há que se identificar o problema e buscar meios de tornar essa escuta, que confronta o sujeito com a diferença, possível. A capacidade de escutar o outro não é dada, é aprendida. A escola pode ser esse lugar de tornar possível essa aprendizagem tão necessária nos dias de hoje, tão necessária como saber ler, escrever e contar.

**Qual a relação entre “fracasso escolar” e indisciplina?**

**Lucia** - Fracasso escolar, a meu ver, é o resultado de múltiplos fatores. Se os modelos identificatórios de pais e professores deixam de estar vigentes, se as crianças, por vários motivos, não conseguem se relacionar com a escola e com os professores além da instrumentalidade, se os professores também não vêem seu trabalho como “o seu lugar a construir no mundo”, ou se a sociedade não valoriza o conhecimento, então o fracasso escolar parece ser “a resposta” a esse estado de coisas. Estado de coisas que expressa a falência da autoridade, o descaço e o desprezo com valores como o conhecimento, e a abdicação da função do educador. Então, por indisciplina, estou entendendo não apenas o aluno indisciplinado, mas os pais indisciplinados, a escola mal posicionada, os professores “sem querer saber de nada”, a sociedade indisciplinada e selvagem que não sabe ou não quer se posicionar frente ao que realmente importa para a construção de melhores dias para todos.

**Situações que sempre foram de responsabilidade da família estão, cada vez mais, sendo delegadas à escola. Esta, por sua vez, se vê obrigada a dar conta de questões que fogem a**

**sua função. Diante deste quadro, que caminhos tomar?**

**Renata** - Uma característica do contemporâneo tem sido o esvaziamento, a desertificação do espaço privado do lar, da casa. Cada vez mais as crianças têm se encontrado sozinhas, na companhia apenas da TV, do computador. A casa também tem se transformado em um lugar de passagem, onde muitas vezes somente se come, toma banho, dorme. Creio que isso tem trazido efeitos e a escola tem tido a necessidade de se adaptar, mas não vejo isso como algo necessariamente negativo. Com o esvaziamento da casa, a escola deve, nesse sentido, ser não só um lugar restrito ao saber formal, mas também um lugar que possa dar conta da experiência de crianças e jovens na rua, possa estar valorizando um conhecimento adquirido no cotidiano, função antes exercida pela família. A família tinha a função de prover esses sujeitos em relação aos códigos da experiência urbana, para que então as apreensões pudessem se configurar em um aprendizado. Cabe à escola se tornar mais maleável para que crianças e jovens façam o exercício de uma outra aprendizagem neste espaço.

**Pode-se avaliar a repercussão da crescente preocupação com a violência nas grandes cidades pela capacidade de crianças e jovens apropriarem-se dos espaços urbanos?**

**Renata** - A experiência de apropriação da cidade, de se tornar cidadão, se dá de maneira caótica, informal. Para isso, é preciso que crianças e jovens possam estar vivendo isso. Lógico que algo é previamente transmitido pelos pais, pela família; mas para poder dar um sentido a essa experiência, é necessário “sofrer a experiência”. Neste sentido, a violência se coloca como um empecilho. Em nosso projeto “Oficinas da Cidade”, no qual as crianças e os jovens foram convidados a refletir sobre sua experiência na cidade, pudemos observar falas que colocam claramente isso. É interessante notar que essas falas muitas vezes são repetições da fala de seus pais, pois o medo muitas vezes é dos pais. É importante que este medo possa ser falado, discutido, mas que não tenha um efeito paralisante na vida destes sujeitos e na sua conquista da cidade. É importante que a família se una à escola no sentido de fazer com que isso aconteça da melhor maneira possível.

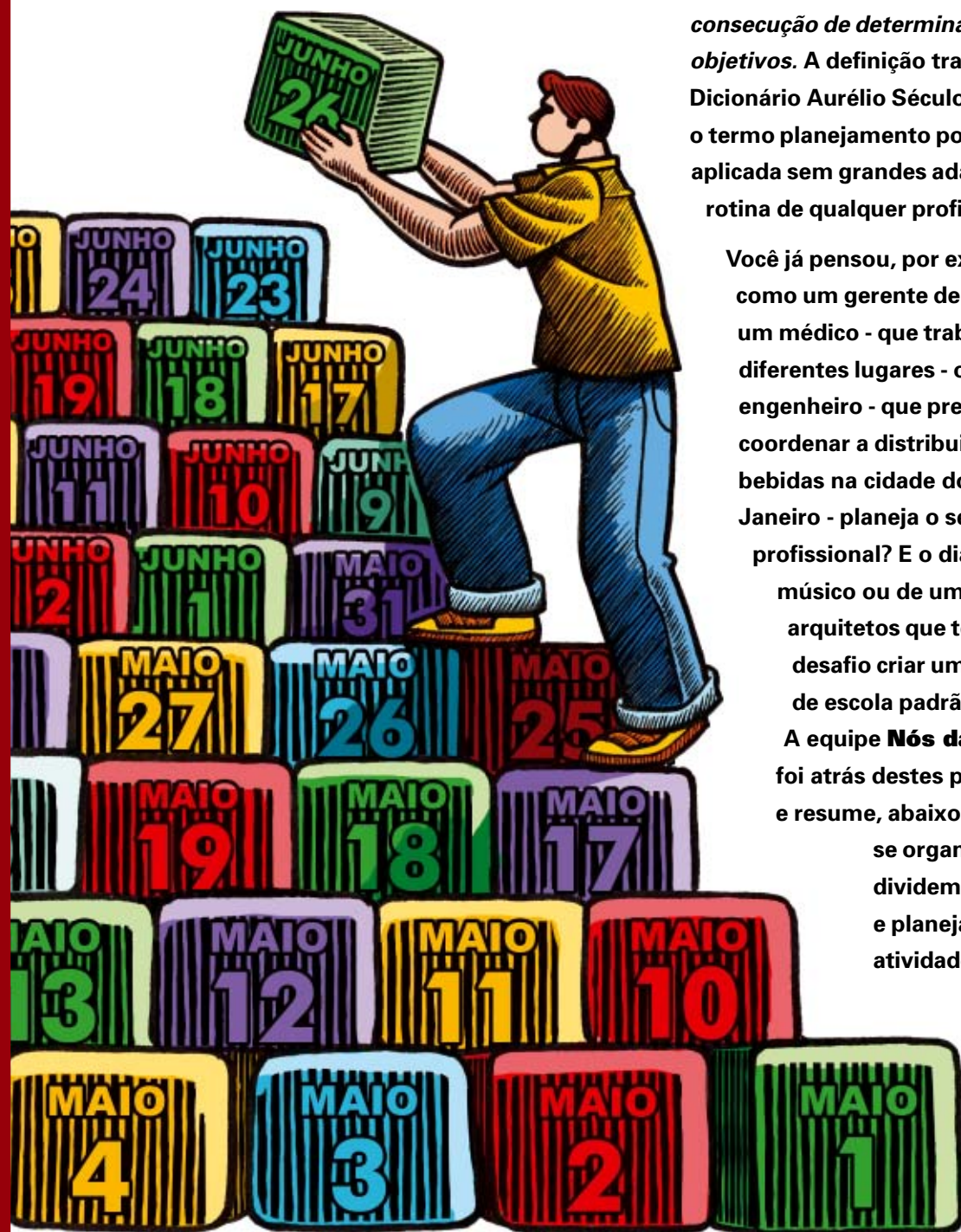
**Lucia** - Em todas as épocas da história humana algumas situações tiveram o poder de gerar muito

medo nas pessoas. É claro que essas situações variaram de acordo com a época. Por exemplo, o medo de desobedecer ao rei, o medo das intempéries, o medo do castigo divino etc. Parece que na nossa época - como sujeitos contemporâneos e urbanos - o nosso grande desafio é vencer o medo de andar pela rua e ocupar a cidade. Esse medo é objetivo, pois todos sabemos dos riscos que corremos. Por outro lado, como dizem os jovens - e aqui podemos aprender com eles - se não correremos esse risco, não só não aprenderemos a lidar com o perigo, como também ficaremos “presos em casa”. Gostaria de enfatizar isso: se ficarmos paralisados pelo medo, perderemos a “liberdade” - de ir e vir, que graças a muitas lutas foi conquistada, e da qual hoje podemos usufruir. Portanto, o preço da liberdade é, e sempre foi, a coragem de arriscar-se. Não há outra saída. Assim, o que podemos fazer não é abdicar dessa liberdade, mas nos fortalecer para que não apenas os riscos desnecessários sejam evitados, mas para que possamos exercer a coragem em tempos sombrios e difíceis. ■

“**Com o esvaziamento da casa, a escola deve ser não só o lugar restrito ao saber formal, mas também um lugar que possa dar conta da experiência de crianças e jovens na rua e que valorize o conhecimento adquirido no cotidiano**”



# Aliado na rotina profissional



**Planejamento: trabalho de preparação para qualquer empreendimento, segundo roteiro e métodos determinados; processo que leva ao estabelecimento de um conjunto coordenado de ações visando à consecução de determinados objetivos.** A definição transcrita do **Dicionário Aurélio Século XXI** para o termo planejamento pode ser aplicada sem grandes adaptações à rotina de qualquer profissional.

Você já pensou, por exemplo, como um gerente de hotel, um médico - que trabalha em diferentes lugares - ou um engenheiro - que precisa coordenar a distribuição de bebidas na cidade do Rio de Janeiro - planeja o seu cotidiano profissional? E o dia-a-dia de um músico ou de uma equipe de arquitetos que tem como desafio criar um modelo de escola padrão? A equipe **Nós da Escola** foi atrás destes profissionais e resume, abaixo, como eles se organizam, dividem seu tempo e planejam suas atividades.

Participo de gravações de CDs de vários artistas, dou aulas de música e também transcrevo partituras. Por conta disso, antes de mais nada, preciso cuidar da manutenção dos instrumentos que utilizo no dia-a-dia do meu trabalho (violão e guitarra). Se estão afinados e apresentando um bom som, por exemplo. Além disso, tenho que estar lendo e estudando sempre mais, adaptando os conteúdos das aulas de música de acordo com o interesse e a realidade dos estudantes. Para dar conta de tantos compromissos, que às vezes surgem de uma hora para outra, faço uso contínuo da agenda. É imprescindível. Tem dias em que fico seis horas dentro do estúdio gravando. Portanto, tenho que me planejar continuamente para dar conta tanto da vida profissional quanto da particular. Geralmente, faço um planejamento semanal, mas que na prática acaba sendo reformulado de acordo com novos compromissos que surgem.

**Fernando Caneca**  
Músico



Não uso mais agenda para planejar o meu dia-a-dia. Uso mesmo um calendário, do tamanho de uma folha de papel, onde tenho a possibilidade de visualizar o meu cotidiano mensal de forma global. Por conta da minha profissão, cada dia estou em um hospital e em um local diferente. Sou responsável pela elaboração do laudo dos exames dos pacientes. Assim que eu chego aos hospitais pego os exames que estão à espera de laudos. Tem dias em que trabalho em Madureira; outros em Botafogo, Duque de Caxias e Campo Grande. O carro para mim é um instrumento de trabalho indispensável. Entre um trabalho e outro, quando tenho tempo, me dedico ao estudo da área de Radiologia, minha especialidade. Portanto, ando sempre com um livro na bolsa. Todo dia à noite dou uma olhada no calendário para me certificar do que realmente farei no dia seguinte. Caso contrário, corro, sim, o risco de trocar os compromissos.

**Janaína Freitas Seixas**  
Médica, especialista em Radiologia



Gerencio um hotel. Para isso, tenho que estar o tempo todo prestando atenção em diversos serviços, atividades e procedimentos, desde os mais simples, como a limpeza dos andares e dos quartos, até as questões mais gerais, como a administração financeira do hotel, que inclui o pagamento dos funcionários e das despesas. Todo dia percorro os setores do hotel. Converso com os funcionários para saber se tudo está caminhando. Confiro se há falta de algum mantimento na cozinha ou de algum material de limpeza, se as roupas do quarto, por exemplo, já foram encaminhadas à lavanderia ou se já chegaram dela, se os equipamentos eletrônicos e elétricos dos quartos estão em perfeito estado. É um conjunto de informações que deve ser checado diariamente para o bom andamento do hotel. Cada procedimento é importante. Esta é a minha rotina, o meu plano de trabalho diário; de certa maneira, é uma forma de prevenção contra os imprevistos, que, na prática, acabam acontecendo.

**Carlos Tuñas**  
Administrador



Trabalho na RioUrbe. Sou Coordenadora de Projetos Especiais. Participei da elaboração do projeto Nova Escola Padrão, que visa à construção e modernização de escolas da Prefeitura do Rio com base em uma nova concepção de ensino e de arquitetura. Foram aproximadamente três meses de planejamento. Reunimo-nos com a Secretaria de Educação, com o Instituto de Nutrição Annes Dias e com a comunidade local para levantar as necessidades de cada segmento.

Consultamos também algumas publicações, como o Manual para Projetos Escolares, do Instituto Pereira Passos. Com todas estas informações, chegamos a uma conclusão e definimos, sob o ponto de vista físico, a escola padrão. Feito isto, a RioUrbe então abriu licitação para que as obras fossem iniciadas. Estão sendo construídas, no momento, dez novas escolas. Neste segundo semestre, deverão estar prontas cerca de três unidades. São escolas que têm, por exemplo, ponto de televisão e vídeo em cada sala de aula, sistema de ventilação e paredes de tijolos de vidro para melhorar a iluminação, e que garantem total acessibilidade a alunos portadores de necessidades educacionais especiais.

**Teresa Rosolem de Vassimon**  
Coordenadora de Projetos Especiais da RioUrbe

Na empresa em que trabalho gerencio uma operação de distribuição de bebidas, que envolve 400 caminhões e sete depósitos. Portanto, organização é fundamental. Tenho uma rotina de reuniões semanais que preciso fazer com a equipe. Para agilizar o trabalho, essas reuniões têm dia e hora marcados. Os temas de algumas delas são fixos, já que há a necessidade de acompanhar sistematicamente as fases da operação. Nos outros dias eu visito clientes, me reúno com os transportadores para tratar de questões pontuais e faço outras atividades necessárias ao andamento da operação. Tenho um fichário onde registro tudo que acontece. Neste fichário ponho também a minha agenda semanal, o planejamento anual estipulado para a minha área, além de todos os telefones de que preciso. As informações que lanço nesse fichário me ajudam na hora de fazer a avaliação do andamento da operação e da equipe.

**Paulo Gaspar Rodrigues**  
Engenheiro





# Juventude armada, uma realidade brutal

**Especialista alerta para a desatenção com os jovens que driblam as dificuldades sem recorrer à violência**

Sejam vítimas ou protagonistas de cenas de criminalidade, as crianças e os jovens estão cada vez mais envolvidos com a violência urbana das grandes cidades. De 1980 a 2000, por exemplo, o número de homicídios praticados no estado do Rio de Janeiro por adolescentes, na faixa etária de 15 a 24 anos, aumentou 435%. Em 2000, foram assassinados nada menos do que 2.500 jovens. Os dados são do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (Cesec/Ucam). A socióloga Julita Lemgruber, responsável pelo centro e ex-diretora do Departamento do Sistema Penitenciário do Es-

tado do Rio, afirma que o Rio de Janeiro está diante de um quadro dramático, vivendo situações semelhantes às de países que estão em guerra: “São jovens que morrem em virtude do enfrentamento entre facções rivais ou destas em combate com a polícia, sem falar daqueles que são vítimas da própria violência da cidade. O número de jovens desta faixa etária está diminuindo drasticamente. É uma realidade brutal”. Realidade que assusta e que, indiscutivelmente, gera reflexão, mas que também encobre uma outra situação igualmente preocupante: a falta de atenção em relação àqueles meninos e meninas que estão driblando as dificuldades de forma lícita e saudável.

Este debate também ganha eco nas escolas. De acordo com pesquisas norte-americanas, para os jovens, levar uma arma para a sala de aula significa impor respeito aos demais colegas, proteger-se e defender-se. A Unesco realizou em 2000 uma ampla pesquisa com jovens brasileiros. Eles se mostraram conscientes do poder de agressão e de intimidação das armas de fogo, mas também, e principalmente, das chamadas armas brancas - objetos cortantes, como faca, tesoura, canivete e estilete. Aproximadamente 51% dos jovens entrevistados afirmaram que já tiveram ou têm uma arma de fogo, a exemplo de seus pais e familiares. E 67% disseram que as armas - de fogo ou não - são acionadas constantemente nas dependências das escolas. O que contribui para disseminar o

sentimento de insegurança, justificando, não só na escola mas em qualquer lugar da cidade, o seu uso e a sua adoção como instrumento de defesa.

E de trabalho também - como analisou Luke Dowdney, antropólogo e pesquisador do Instituto de Estudos da Religião (Iser). Em fevereiro deste ano, Luke publicou o livro “Crianças do tráfico” (Editora Sete Letras), resultado de um estudo de caso com crianças “em situação de violência armada organizada” em três favelas do Rio de Janeiro. Ele constatou que as armas hoje são facilmente adquiridas e utilizadas pelas crianças: “De 1980 a 1985, o número de armas ilícitas aumentou consideravelmente no Rio de Janeiro. Até 2000, cerca de 10 mil foram apreendidas pela polícia, entre elas armamento bélico. Hoje, as armas estão mais acessíveis e podem ser manuseadas sem dificuldades.

Não é preciso muito conhecimento. Treinamento é bom, mas não essencial”.

**Status** - De acordo com seu estudo, as armas conferem *status* àqueles que as usam e exibem. O seu uso passa a ser símbolo de poder e de masculinidade. “Certa vez, um jovem que trabalha diretamente no tráfico me disse que aos 12 anos havia sido espancado. A partir do momento em que entrou para o tráfico e começou a usar armas poderosas, o jovem jurou para si mesmo que nunca mais ninguém iria espancá-lo. Seria chamado de senhor. Foi exatamente o que aconteceu. Com certeza, não por respeito, mas por medo.”

O uso cada vez mais constante de armas por parte de crianças e jovens está ligado à chamada cultura da violência, que impera nos grandes centros urbanos. Cultura que acaba reproduzindo um clima de insegurança, de medo e de violência, identificados em qualquer classe social. Luke destaca que há também uma boa parcela de jovens de classe média, por exemplo, frequentando academias, pratican-

do exercícios de musculação, esportes marciais e lutas - modificando seus corpos por meio de esteróides. “Querem mostrar sua masculinidade por meio da força física. Isso acontece em virtude dessa cultura da violência, onde as pessoas só podem e só conseguem resolver seus problemas recorrendo à violência, à criminalidade e às armas. Uma cultura que apresenta a violência como a opção legítima, que pode e deve ser usada para conciliar e solucionar qualquer tipo de problema, dificuldade e desigualdade social.”

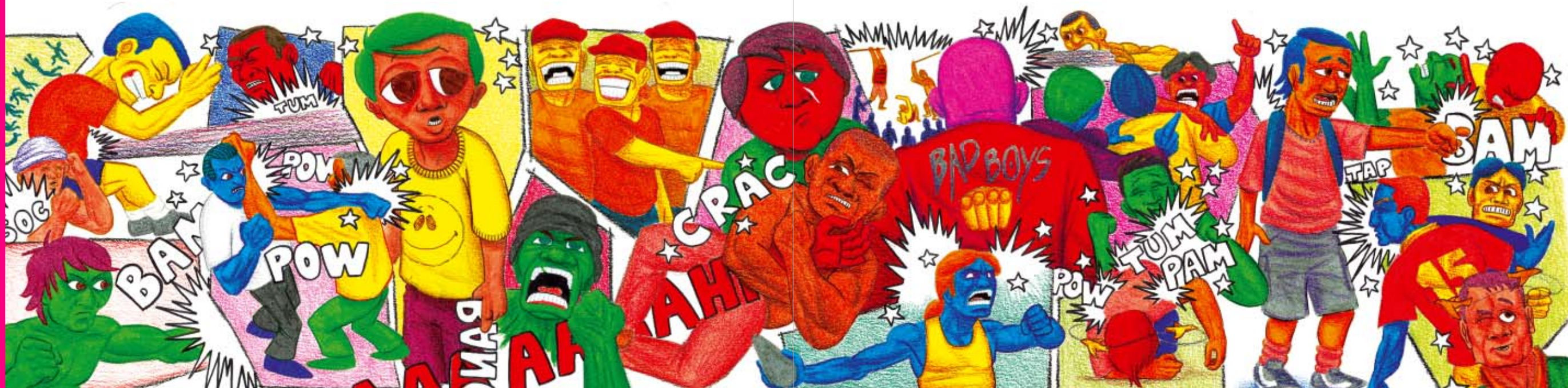
Para a socióloga Julita Lemgruber, a desigualdade social é, sim, o principal fator que desencadeia toda essa cultura de violência na sociedade e que acaba, portanto, influenciando o dia-a-dia das crianças e dos jovens: “Os adolescentes acabam se envolvendo com a criminalidade e com a violência por falta de perspectivas de vida. A criminalidade, muitas vezes, oferece o que a sociedade está negando para os jovens. A chance que os nossos adolescentes têm hoje de qualquer tipo de ascensão social é muito reduzida. Eles, então, encontram no tráfico, nos meios ilícitos, uma fonte rentável e um espaço convidativo para reproduzir a violência. Sabem que diante desta vida têm uma expectativa de vida pequena. Portanto, não estão preocupados nem um pouco em correr riscos”.

**Minoria** - Mas quem estuda o assunto também destaca que, embora o envolvimento de crianças e jovens com a violência venha aumentando consideravelmente, não é correto afirmar que estamos diante de uma juventude armada e violenta. Estamos, sim, diante de uma sociedade armada e violenta em todo o planeta. Koïchiro Matsuura, diretor-geral da Unesco, resume: “Os jovens apenas reproduzem na escola e no seu dia-

a-dia as violências e tensões do mundo”.

Mesmo aqueles que estão trabalhando diretamente no tráfico de drogas e que, portanto, andam armados e vivenciam diariamente cenas de violência são minoria, como explica o antropólogo Luke: “No nosso levantamento, apenas 2% das crianças e dos jovens que moram nas comunidades pesquisadas estão, de fato, envolvidos com o armamento pesado. Portanto, ao contrário do que se pensa, trata-se de um pequeno grupo, com força e poder, sim, mas que não passa de uma minoria”.

Exatamente o que vem constando o professor e cientista político da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), João Trajano Sento-Sé: “É verdade. Se considerarmos o total da população que vive em favelas e comunidades pobres do Rio, o contingente de jovens envolvidos nas redes de tráfico é bem pequeno. E o que percebo com apreensão é que a sociedade não está dando a devida atenção à garotada que não está envolvida com a violência, com a crimina- ▶





## Secretaria de Educação investe em oficinas para juventude

O Projeto Protagonismo Juvenil (PJ) dos Pólos de Educação pelo Trabalho da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) pretende desenvolver a capacidade de reflexão crítica do aluno, bem como a percepção de seu papel de agente transformador de sua própria história. As oficinas de PJ foram implantadas no Pólo em função de um dos objetivos mais importantes deste programa: contribuir na formação de cidadãos críticos, participativos e, antes de tudo, solidários e capazes de perceber no outro um aliado maior para a transformação de nossa sociedade.

Como este projeto não está vinculado a uma disciplina ou a conteúdos específicos, ele permeia todas as formas de linguagem e se abre a todas as possibilidades de interação entre conhecimento e vida. Tenta percorrer processos singulares de criação, reflexão, experimentação e pesquisa por meio de propostas que estabeleçam elos entre elementos específicos da prática educativa e o cotidiano do aluno. É o trabalho, entendido como fazer concreto, experiência vivida e consciente, que abre caminhos para a construção de conhecimento e constituição de autonomia.

A ênfase deste processo gira em torno de dinâmicas que possibilitem a ação e experimentação do aluno, o que traz à tona todas as formas de relação que o indivíduo estabelece com o outro e com o mundo, permitindo-lhe, assim, um diálogo interno de autodescobertas. A reflexão, portanto, está presente em todos os momentos da experimentação, seja na observação, na imaginação ou na ação propriamente dita. A atitude investigadora que examina, que explora, que analisa, conduz a

questionamentos que levam a descobertas de novas respostas, capazes de despertar a coragem de inventar caminhos alternativos e soluções não convencionais. Este processo atua diretamente na auto-estima do aluno, que percebe seu poder de intervir na realidade manipulando seus elementos, analisando-os, levantando hipóteses sobre eles, imaginando-lhes novos encaminhamentos, colocando-os em prática, dando-lhes um formato concreto, observável e possível de ser avaliado.

Acreditar na ação protagonista do aluno é convidá-lo a discutir coletivamente os rumos e as dificuldades sentidas no decorrer da oficina numa prática de organização e condução da própria experiência, fundamental para o exercício da cidadania. Aposta-se num fazer pedagógico preñado de sentido e significado, discutido, fruto e/ou provocador de reflexões que possam ampliar conceitos, visões e opiniões. O poder de interferir na realidade se torna evidente quando é vivido nas decisões tomadas coletivamente. O professor, também protagonista deste processo, deve garantir o respeito às decisões tomadas e rediscuti-las sempre que perceber tal necessidade. O sentido de compromisso e responsabilidade de todos se fundamenta na clareza de que rumos do trabalho são construídos a partir das escolhas e das ações do coletivo. É buscar no coletivo o conhecimento de si mesmo e, por meio do coletivo, transformar-se, transformando-o.

Professoras Eliane Cerqueira e Maria José Lourenço  
Pólo de Educação pelo Trabalho - Escola Municipal Sérgio Buarque  
de Holanda, Barra da Tijuca, Zona Oeste, Rio de Janeiro.

idade. Na garotada que não se vale destes meios para sobreviver. Ou seja, da grande massa de jovens que ainda está apostando todas as suas fichas na busca de uma qualidade de vida por meios lícitos. É preciso, sim, criar e desenvolver projetos que invistam nestes jovens que são muito mais numerosos”.

**Qualificação** - João Trajano foi coordenador do Curso de Formação em Cidadania e Direitos Humanos para Jovens Lideranças, oferecido pelo Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (Ibiss). O projeto, destinado a adolescentes de comunidades pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro, tem o objetivo de qualificar estes jovens - justamente aqueles que geralmente são cooptados pelo tráfico de drogas.

“Constatamos que muitos adolescentes não optam pela criminalidade, pelo uso das armas, pelo tráfico, porque têm a chance e a sorte de cruzar, por exemplo, com um programa social com o qual se identificam. Todos nós temos necessidade de pertencer a um grupo e ser aceito por ele. Uma facção, por exemplo, é muitas vezes vista pelos jovens como um grupo de amigos, um time, que vai lhe conferir identidade dentro de sua comunidade. Portanto, é preciso oferecer a esses jovens projetos que os atraiam. O garoto que tem essa chance não se arrepende. Ele passa a fazer parte de um projeto. E fazendo parte deste projeto passa a ter um projeto de vida e será mais um aliado contra a violência.”

João explica que quando um adolescente participa de um movimento social, está ligado a determinada atividade artística ou esportiva - é, por exemplo, um grafiteiro, joga capoeira, desenvolve a linguagem teatral na escola -, ele incorpora este pertencimento como um dado relevante na constituição de sua identidade, na sua vida: “O que faz total diferença. Os jovens querem reconhecimento. Eles precisam, como nós, adultos, que alguém chegue e fale que eles são bons em determinada área. Temos uma juventude que é

vítima da violência e do medo. Sendo vítima, ela acaba compartilhando determinadas práticas, muitas vezes negativas. Os índices de atos violentos envolvendo jovens são maiores do que gostaríamos. Isso tudo é resultado de uma forte degradação da sociabilidade civil”.

De acordo com o sociólogo Luke, é preciso, mais do que nunca, que a sociedade e, principalmente, as escolas incentivem a cultura da paz. É necessário mostrar para os jovens que a paz é a opção mais acertada para os relacionamentos, sejam eles pessoais ou profissionais. Mas não é só isso: “É também fundamental que se ofereçam a este jovem educação de qualidade e oportunidades no mercado de trabalho e de participação em projetos sociais. ■

# Inclusão: refletindo valores, repensando conceitos

Equipe da Escola Municipal Marcílio Dias comemora êxito do trabalho de integração de aluna cega

Apostar em uma educação inclusiva é garantir o acesso e o processo de inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais em uma rede de ensino regular - da Educação Infantil ao Ensino Superior. É buscar uma pedagogia diferenciada e adaptações curriculares que atendam adequadamente a estes alunos, reconhecendo que cada um deles tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias.

Sem dúvida nenhuma, uma política que requer, por parte das escolas, compromisso e dedicação. No dia-a-dia das escolas da Prefeitura, algumas unidades vêm trabalhando nessa perspectiva e descobrindo que, mais do que um desafio, trata-se de uma prática que auxilia professores, alunos e pais a refletirem e repensarem valores e conceitos. Mudança de atitude que colabora para a constituição de uma sociedade de cidadã.

Há exatamente um ano, a Escola Municipal Marcílio Dias, em Brás de Pina, Zona Norte do Rio de Janeiro, iniciou um trabalho nesse

sentido quando matriculou uma aluna com necessidades educacionais especiais em uma turma regular. Mesmo receosa, a equipe da escola acreditou na proposta da educação inclusiva. Pediu auxílio, fez parcerias e buscou novas práticas. O êxito deste trabalho é hoje comemorado por toda a comunidade e, principalmente, pela protagonista desta história: Natália da Cunha Medeiros, 10 anos.

Vaidosa, como as meninas de sua idade, Natália está sempre com algum enfeite no cabelo e unhas ▶

**Natália está totalmente integrada à turma da Marcílio Dias**





pintadas. Suas melhores amigas são Bruna Lobato e Priscila Rebelo. Andam sempre juntas, brincam e dividem segredinhos na sala de aula. Quando não está na escola, se diverte com os desenhos animados da TV e com suas bonecas. Também se dedica ao estudo da língua inglesa, em um curso perto de sua casa. Nos finais de semana, passeia com os pais e com as primas. Vão ao shopping, ao cinema ou saem apenas para fazer um lanche. Uma vida com que Natália - cega desde os três meses de idade - sempre sonhou. Sonho que tornou-se realidade há pouco mais de um ano, quando sua mãe, Dalva Clara da Cunha Medeiros, e seu pai, Robson Santa Rosa de Medeiros, resolveram matriculá-la na Escola Municipal Marcílio Dias, em Brás de Pina, bairro da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Tomada de decisão familiar nada fácil. Pelo contrário, difícil e sofrida. Natália estudava, há nove anos, no Instituto Benjamin Constant, referência nacional no ensino de deficientes visuais. Lá, contava com uma excelente infra-estrutura, tanto de profissionais quanto de recursos, mas que, na opinião de sua mãe, cerceava o seu desenvolvimento, crescimento e liberdade: “Natália estudava em horário integral e só relacionava-se com crianças e adolescentes que tinham problemas de visão. A rotina era sempre de casa para o instituto e do instituto para casa. Natália reclamava que não tinha uma vida *normal*, uma vida de uma criança de sua idade. Aquela situação me deixava angustiada. Mas tirá-la do instituto, conhecido nacionalmente por sua excelência, e matriculá-la em uma escola do da Prefeitura do Rio que promovesse uma educação inclusiva seria a melhor solução? Tirá-la de uma turma de seis alunos deficientes visuais para uma de 30, todos *normais*, seria uma boa opção?”

Dalva apostou que sim depois que recebeu indicação de uma amiga e conversou com Ieda Lane, professora itinerante do Instituto Helena Antipoff, da SME, lotada na 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Ieda, especializada em Educação Especial, explicou a Dalva que Natália, uma vez alfabetizada, faria parte de uma turma regular da 3ª série do Ensino Fundamental. Duas vezes por semana, fora do horário escolar, a menina receberia apoio em uma sala de recurso, onde seriam desenvolvidas adaptações para a sua autonomia. Além disso, Natália também receberia, em sua escola, a visita da professora itinerante. Na ocasião, Ieda indicou a Escola Municipal Marcílio Dias, que ficava próxima à casa de Natália. Mesmo receosa do resultado do trabalho, Dalva deu sinal verde.

Receio que, na verdade, também partia da própria escola. Afinal, segundo a diretora Maria Virgínia Corrêa, a unidade nunca havia matriculado uma criança com necessidades educacionais especiais. Jaqueline Freire Mendes, escolhida para ser a professora de Natália, confessa que inicialmente também ficou assustada com o desafio, mas procurou estudar de que maneira poderia trabalhar com Natália. “E de nenhuma maneira subestimei a sua capacidade por causa da sua deficiência visual. Pelo contrário, tratava Natália como mais uma aluna. Aluna que requeria, sim, uma atenção diferenciada, como os demais estudantes. Apenas isso, nada mais”.

**Planejamento coletivo** - Pensando assim, Ieda e Jaqueline elabora-

ram um planejamento coletivo que desse conta da deficiência visual de Natália e possibilitasse, cada vez mais, sua autonomia em sala de aula. Ao iniciar o trabalho, as professoras perceberam que a aluna tinha, sim, uma deficiência, mas que, na prática, em nada prejudicava o seu processo de aprendizagem. A menina já havia sido alfabetizada em braile, lia e escrevia sem maiores problemas e portanto podia frequentar a 3ª série do Ensino Fundamental. No entanto, era preciso dar sentido a todas as atividades desenvolvidas na sala de aula, auxiliar Natália a compreender todos os conceitos trabalhados - direito de todos.

Sendo assim, ao ler uma história, por exemplo, Jaqueline utilizava materiais em braile, bem como recursos multissensoriais (como maquetes e fantoches) que facilitassem a compreensão da história ou do tema abordado. Ao mesmo tempo, na sala de recurso, Ieda investia em atividades que favoreciam o desenvolvimento de outros sentidos, como o olfato e o

tato - auxiliando assim o processo de aprendizagem. Nas aulas de Ciências, a professora confeccionava mapas em auto-relevo para que Natália percebesse diferentes dimensões e formas. Já em Matemática, Natália trabalhava com jogos e materiais concretos, elaborados em diversas texturas e formas. Materiais que, levados para a sala de aula, também acabavam auxiliando a aprendizagem dos outros alunos - deixando claro que a presença de Natália em uma turma regular não só beneficiava a estudante, mas toda a classe na constituição de conhecimentos e valores.

Segundo Jaqueline, as crianças vêm trabalhando valores necessários à vida cidadã, como amor ao próximo, solidariedade e respeito às diferenças. Exercício que, na verdade, nem precisou ser imposto aos colegas de Natália. Semanas antes de sua chegada, Jaqueline trabalhou com os alunos da escola, a partir de uma história infantil, a importância de se viver em uma comunidade heterogênea, onde cada pessoa é um ser humano diferente um do outro e que merece respeito, atenção e carinho sempre. No seu primeiro dia de aula, Natália foi recebida com festa. Os alunos presentearam-na com um livro cheio de dizeres de boas-vindas.

**Mudanças** - Portanto, se em um primeiro momento a presença de Natália se revelou um complicador no planejamento escolar, em seguida representou um ganho. “Muitas vezes, vencer os desafios que esses alunos impõem pode se refletir em um melhor desempenho para toda a turma. Afinal, o professor tem de rever métodos, procedimentos, linguagens, atividades e encaminhamentos. O que aconteceu neste último ano” - destaca a professora Ieda.

Trabalho que, de lá para cá, provocou mudanças. A insegurança da professora Jaqueline, o receio da mãe Dalva e a curiosidade dos amigos em relação à amiguinha nova, por exemplo, são coisas do passado. Do início do trabalho, ficou apenas o comprometimento

entre as professoras Jaqueline e Ieda. Até hoje, as duas reúnem-se semanalmente. Juntas, avaliam a melhor forma possível de dar significado aos conhecimentos e às atividades da sala de aula, propiciando, ao mesmo tempo, recursos e adaptações para que Natália seja cada vez mais independente no seu dia-a-dia.

Potencial que nunca foi posto em dúvida pelos seus professores, muito menos pelos seus pais - o que, na opinião das duas educadoras, foi essencial para o crescimento e para a auto-estima da menina. Se hoje ela tira bons conceitos nas avaliações escolares, faz curso de inglês, fica sozinha em casa enquanto seus pais trabalham, é por iniciativa própria, força de vontade, determinação e confiança em si mesma. “A Natália é uma pessoa superlegal. Uma grande amiga. Uma grande aluna. É apenas cega. É só isso. Gosto dela desse jeito. E todos nós devemos respeitar isso” - resume sua amiga Bruna Lobato, 10 anos. ■

**Para Jaqueline (esquerda), a entrada de Natália na escola beneficiou todos os alunos**





**Ao divulgar o calendário deste ano, a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro reservou dias para o professor planejar suas ações, acompanhá-las e avaliá-las. Foram dois dias em fevereiro e outros dois em março. No mês de agosto, está previsto mais um. A decisão reforça a importância do planejamento escolar, que, muito mais do que um guia para o professor, deve ser entendido como um instrumento flexível e norteador na busca de êxito e eficácia na constituição de conhecimentos e valores, na escola.**

# Planejar, a previsão possível

Planejamento exige pesquisa, análise e reflexão sobre a realidade da comunidade escolar, conhecimento das demandas e desejos da comunidade e, ainda, clareza de intenções e dos objetivos educacionais adequados ao sistema de ensino ao qual a escola está submetida. É preciso considerar a história do bairro, da escola, do seu entorno, de cada turma e de cada aluno que integra a comunidade escolar, articulando tudo isso aos conceitos, conteúdos de cada uma das áreas do conhecimento, aos valores desejáveis para a vida feliz, solidária; estes conceitos, conteúdos e valores precisam ser constituídos de maneira integrada aos aspectos da vida cidadã, como saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia, cultura e diferentes linguagens.

Não é pouco, nem simples, mas possível e desejado que a ação pedagógica tenha um planejamento prévio, algo como uma

carta náutica que busca orientar, que se flexibiliza diante das tormentas e/ou das calmarias, mas que não prescinde de alguns portos seguros, de referências norteadoras.

Nesse sentido, o ato de planejar é muito mais do que descrever passo a passo as tarefas e atividades, mas apresenta-se como um recurso para auxiliar o professor a não perder de vista a intencionalidade de sua ação; o ato de planejar favorece uma antecipação de possíveis relações produtivas entre os saberes que envolvam de significado e desejo a vida escolar, para professores e alunos. O planejamento também ajuda educadores e alunos a balizarem-se dentro do tempo/espço escolar, ou seja, ainda que se considere que os tempos de conhecer são diferenciados entre os alunos, as estratégias do professor podem ser modificadas, alteradas, para garantir a todos o acesso e a apropriação dos saberes historicamente acumulados nesse processo de constituição de novos saberes, direito de todos.

O professor é o mediador desse complexo processo, não-linear, de idas e vindas, com ritmos diferentes de pessoa para pessoa. O professor precisa intermediar, de forma respeitosa e produtiva, as diferenças de gêneros, etnias, crenças religiosas e das expressões culturais, reconhecendo a importância “desse encontro de diferenças” como necessário e imprescindível para o processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores de seus alunos, de todas as idades. É por meio desse encontro entre as diferenças, dessa teia de relações produtivas,

respeitadas as diversidades, que o conhecimento se constitui.

O planejamento de uma turma, por expressar as especificidades de um determinado grupo com seu professor, com seus ritmos e encaminhamentos peculiares, resulta no registro escrito de um processo que, em princípio, não deve ser usado ou seguido por outros grupos, mesmo que da mesma série. Alternativas ricas e valiosas são, por exemplo, a elaboração conjunta do planejamento, com professores de diferentes áreas e séries e, ainda, as discussões posteriores que mostram onde e quais devem ser as adequações necessárias, os acertos e as mudanças de rumos.

A atividade de planejar, na escola, deve estar sintonizada com os objetivos do Projeto Político-Pedagógico da instituição onde estão expressos os Princípios Éticos, Políticos e Estéticos orientadores da vida escolar e das decisões teórico-metodológi-▶

Professora Elisa Biondi Egues, da Escola Municipal Santa Catarina, em Santa Teresa, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ).





cas, que, em última análise, acabam por definir as próprias práticas pedagógicas. Sob estas condições, o planejamento se torna vivo ao contextualizar-se no cotidiano dos alunos, garantindo a participação dos professores em sua elaboração e transformando a escola em uma instituição participativa, democrática e autônoma.

**Participação** - Para os educadores Paulo Roberto Padilha e José Eustáquio Romão, diretores do Instituto Paulo Freire, esta concepção derruba a construção vertical, linear e hierarquizada que vem caracterizando a prática do planejamento no sistema educacional brasileiro. No artigo Planejamento Socializado Ascendente da Escola, publicado no livro “Construindo a escola cidadã”, os educadores dizem que “o planejamento educacional e a organização do trabalho escolar, pensados e acompanhados por todos e para todos, não serão atividades meramente burocráticas, técnicas, como tem ocorrido no país nos últimos 25 anos. Será, sim, um verdadeiro exercício de cidadania, porque envolverá a participação e a tomada de decisões. Isso significa que, por meio de uma prática democrática e de um planejamento interativo e participativo, os professores estarão desfazendo, pela ação educativa, a crença de que planejar é uma atividade complexa e para a qual apenas os especialistas estão devidamente preparados”.

Desfazendo também a crença de que, uma vez elaborado, o planejamento deve ser seguido à risca pelos professores que o vêem como uma camisa-de-força, no qual conteúdos e prazos devem ser cumpridos rigorosamente. E

que, por conta disso, ignoram, evitam e negam qualquer assunto proposto pela turma que não esteja de acordo com o cronograma ou com o tema do dia ou ainda qualquer problema da vida de cada um dos seus alunos.

Ser flexível. Regra para as turmas de educação infantil, onde o movimento e a curiosidade são constantes e exigem um replanejamento permanente. Saber adaptar-se às situações imprevistas traz qualidade para o trabalho do professor. Cada professor deve planejar propostas e atividades diversificadas, que propiciem a utilização de diferentes linguagens, de forma que todas as crianças possam atuar com autonomia e liberdade de expressão, interagindo com os colegas de forma cooperativa e solidária. Uma prática adotada nas turmas de educação infantil, que reforça essas idéias, é o registro diário do planejamento, feito coletivamente com os alunos. Dessa forma, vários conceitos são desenvolvidos com as crianças (espaço, tempo, transformação).

Sabe-se, hoje, que o planejamento sofre continuamente influências e modificações que muitas vezes são oriundas da própria reavaliação dos educadores ou dos encaminhamentos dos alunos, ou da própria dinâmica das mudanças que ocorrem no mundo, do qual a escola é parte integrante.

Os professores que trabalham com educação de jovens e adultos vivem muitas vezes situações em que o planejamento que fizeram “fura” logo no início da aula. “Certa vez planejei falar sobre fábulas, mas assim que comecei um aluno pediu que eu ensinasse a ver as horas em relógio de ponteiro. Ele trabalhava e só sabia ver as horas em relógio digital. Parei tudo, perguntei se a turma queria também e fui ensinar. No PEJ, talvez mais do que em outros segmentos, até porque lidamos com adultos que já trabalham e trazem muito de sua experiência para a sala de aula, o planejamento tem que ser repensado constantemente, muitas vezes durante a aula”, diz Angela Batouli, que trabalha há 13 anos como professora do PEJ.

**Mudança** - O sociólogo suíço Phillippe Perrenoud, no seu último livro “Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza”, afirma que a escola mudou: “Mudou de estrutura, de programas, de tecnologias, de formas de ensinar e avaliar. Essas mudanças seguem diferentes direções; por um lado, a modernização dos conteúdos e dos métodos, ligada à evolução dos conhecimentos científicos e das tecnologias; por outro, a humanização da relação pedagógica em função de uma nova concepção dos direitos humanos e dos direitos da criança, dos valores, do pluralismo cultural e das liberdades”.

“Portanto, é preciso entender” - afirma a professora Fabiana Sueira Jardeu, da Escola Municipal México, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro - “que o planejamento é e deve ser flexível, passível de interferências, de ajustes e de modificações. Às vezes planejamos uma determinada aula. Mas quando chega na hora de executá-la percebemos que ela não corresponde às nossas expectativas e muito menos à dos alunos. Ela toma uma direção totalmente diferente daquela planejada, idealizada previamente - o que de certa forma pode ser absolutamente positivo. Talvez, nós, professores, não soubemos explorar da melhor forma aquele conhecimento, não promovemos uma contextualização ou, simplesmente, não respeitamos as características próprias da faixa etária da turma e seus interesses reais. Se somos responsáveis e buscamos uma educação de qualidade, devemos então estar sempre repensando nossas estratégias”.

Estratégias que, para alcançar seus objetivos, devem prever, antes de mais nada, a coerência entre o planejamento (objetivos, conteúdos e atividades) e a possibilidade que o aluno tem de aprender e de se desenvolver. O planejamento de atividades sem conexão com os objetivos e conteúdos propostos faz com que essas atividades tenham um fim em si mesmas, sem nenhum significado para o processo de aprendizagem dos alunos, sem nenhum significado para a vida escolar. Do mesmo modo, os conteúdos. Eles não devem ser vistos como fim, mas como meio para a constituição dos seus alunos.

Idéias que, na verdade, baseiam-se em teorias, pesquisas, experi-

ências, metodologias e estudos. O educador francês Célestin Freinet, por exemplo, nos anos 20 do século passado, por acreditar que o interesse da criança estava dentro e fora da escola, idealizou a atividade aula-passeio com o objetivo de trazer motivação e ação para o binômio tradicionalmente compartimentado: vida e escola. Freinet percebeu que o ensino é muito mais eficiente quando se baseia no desejo e no prazer do aluno.

**Contextualização** - Para Freinet, aproximando os alunos dos conhecimentos e do dia-a-dia de sua própria comunidade, os estudantes podem se valer destes conhecimentos para modificar a sociedade em que vivem. Aprende-se, por exemplo, mais História e Geografia em uma aula-passeio porque é mais fácil compreender o conteúdo quando ele faz parte de um contexto.

O educador Paulo Freire, que ficou conhecido mundialmente ao escrever, em 1968, o livro Pedagogia do oprimido, costumava dizer que antes de ensinar uma pessoa a ler as palavras é preciso ensiná-la a ler o mundo. Segundo ele, ninguém ensina nada para ninguém e as pessoas não aprendem sozinhas. É preciso pôr fim à educação “bancária”, em que o professor deposita em seus alunos os conhecimentos que possui.

Prática, hoje, defendida por muitos. Por exemplo, por um grupo de sete professores de ciências do Programa de Jovens e Adultos (Peja II) da SME, que está empenhado em reformular as apostilas do programa, buscando tornar o ensino e a aprendizagem mais dinâmicos e, principalmente, sintonizados com o

cotidiano dos alunos. Quem explica é o professor Alexandre Faria, professor do Ciep Gustavo Capanema, na Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro, responsável pela coordenação da equipe: “Quando o Peja II foi criado, em 1998, contávamos com material de apoio produzido por terceiros. Material muito bom, mas que não aproximava os conhecimentos do dia-a-dia dos nossos alunos. Por exemplo, ao tratar de tipos de vegetação, os livros chamavam a atenção para as tundras, originárias da região ártica. Por que não privilegiar os pantanais e os manguezais do nosso país, por exemplo? As aulas acaba-

vam distantes do universo do aluno. Resultado: desinteresse, baixa auto-estima e evasão escolar. Reunimo-nos e planejamos então reverter essa situação, refazendo as apostilas com exemplos e exercícios práticos relacionados à vida dos estudantes”.

Uma boa decisão, na avaliação da professora Maria de Fátima ▶

## Trabalho organizado com uma semana de antecedência

Cada professor tem uma forma diferente de organizar seu trabalho. Uns registram em cadernos, outros montam matrizes e alguns dizem que até fazem anotações, mas que a memória é a grande aliada na hora de planejar. Rosana Siquara, professora do ano um do ciclo do Ciep Agostinho Neto, no Humaitá, Zona Sul, tem um inseparável caderno. Lá tudo está escrito, desde o plano de aula até observações sobre o desempenho dos alunos: “Procuro registrar nele meu planejamento semanal”.

Estão ali também registradas as parcerias produtivas, as atividades previstas e aquelas que não foram realizadas por conta de algum imprevisto, além de muitas outras informações úteis para que Rosana consiga fazer uma avaliação sobre o trabalho desenvolvido. “Tenho tentado, desde o início do ano, sempre ao final do dia, fazer uma avaliação de cada aluno, se eles conseguiram alcançar o objetivo proposto em cada atividade etc. Isso exige disciplina e algumas vezes falta tempo”.

Na prática, essas anotações funcionam como um rascunho daquilo que é mais importante no desenvolvimento do trabalho com os alunos. Até porque não há planejamento que resista a uma sala lotada com 30 alunos com histórias, interesses e necessidades completamente diferentes. Reavaliar o processo a toda hora é fundamental.

Mas, por mais que a flexibilidade seja uma característica marcante de um planejamento eficaz, há rotinas no dia-a-dia. A turma de Rosana tem reservado, diariamente, um tempo para acompanhar o crescimento das plantas da sementeira da sala. Meia hora pela manhã, logo que chegam à escola. “É um momento antes da aula começar que os alunos se ambientam no espaço da sala”. Após o almoço está previsto um período, também de meia hora, para a brincadeira.

Todos os dias, no início da aula, os alunos lêem um livro. Também é reservado um espaço para o trabalho em grupo e para a turma desenhar. Uma vez por semana as crianças trabalham na produção dos livros dos animais, projeto desenvolvido pelas turmas do primeiro ano do ciclo da Agostinho Neto. É nessa hora que Rosana consegue introduzir um pouco da linguagem artística, realizando atividades de pintura, dobradura, colagem e desenho.

O vídeo é outro recurso previsto. Mas não toda semana. A sala de exibição é concorrida e ela procura agendar os filmes com antecedência. “Na verdade, no planejamento anual da escola já ficam indicados alguns dos filmes que serão exibidos. Qualquer exibição extra é marcada em um livro na sala dos professores”, explica. Música, arte e informática são outras linguagens que têm vez, duas vezes por semana, no planejamento de Rosana. São atividades extraclasse que contam com professores específicos.

Mesmo com toda a organização, imprevistos sempre acontecem. Nessa hora, na opinião de Rosana, o que vale é o bom senso e a criatividade. Se foi programada uma atividade interessante e metade da turma faltou, ela lança mão de folhas de atividades, já rodadas, para não prejudicar os ausentes.

Nessa hora vale também a parceria com outros professores, como a que Rosana tem com Márcia Rodrigues, da outra turma de primeiro ano do ciclo do Ciep. O planejamento diário delas não é igual, mas muitas idéias - para dar conta ou não de imprevistos e questões pontuais que aparecem na sala de aula - são aproveitadas uma da outra. “As turmas são diferentes e isso determina o ritmo do trabalho. A Rosana, por exemplo, já trabalhou este ano conceitos como campo e cidade, que meus alunos ainda não viram. Certamente muitas das atividades realizadas sobre o tema constarão no meu planejamento”, explica Márcia.

Essa perspectiva de trabalho conjunto é, na opinião de Bárbara Salles, professora da Sala de Leitura do Ciep do Humaitá e de Língua Portuguesa da Escola Municipal Joaquim Abílio Borges, em Botafogo, um dos conceitos mais difíceis de serem incorporados pela escola: “Dá muito trabalho e exige a participação de todos”.



da Cunha, à frente da Diretoria de Ensino Fundamental da SME. Para ela, ao planejar, o professor deve sempre levar em conta, portanto, a função social da escola, que deve funcionar articulada com seu tempo, com sua história e com seu contexto: “Outro exemplo: se os professores percebem que é preciso dar mais ênfase na leitura e na escrita, a escola pode estabelecer um planejamento coletivo que dê conta deste objetivo. Os professores podem trabalhar seus conteúdos a partir de vários textos - jornalísticos, literários, científicos. Ou criar um projeto interdisciplinar onde a leitura e a escrita estejam permeando todo o trabalho. Por meio do diálogo, do conhecimento compartilhado e do pensar pedagógico do grupo, o professor trocará experiências, acertos e erros para desenvolver o projeto”.

**Integração** - Seja na Educação Infantil, no Ensino Fundamental ou no Ensino Especial, o ato de planejar é o mesmo. Diferentes serão os encaminhamentos, as práticas pedagógicas e os objetivos traçados para serem alcançados em cada segmento de ensino, mas que, vistos de forma global, devem ter a mesma finalidade. Para isso, o planejamento integrado e construído coletivamente torna-se indispensável.

Uma tarefa árdua, com certeza. Afinal, é preciso que os professores tenham consciência da importância desse planejamento e estejam predispostos a elaborá-lo. O estudioso francês Edgar Morin, autor do livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, acrescenta: “É preciso promover a interligação en-

tre os saberes”. Para ele, o currículo escolar mínimo e fragmentado não oferece aos alunos uma visão do todo - o que é imprescindível. Quando as áreas de conhecimento não se complementam nem se integram, dificulta-se o entendimento da perspectiva global que favorece a aprendizagem.

É o que vem constatando a equipe de professores da Escola Municipal México, localizada em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Os educadores estão percebendo o quanto a troca de informações entre eles é essencial para a construção de um bom planejamento e o quanto é importante promover um currículo integrado: “Conversar com aquele professor que já lecionou para sua turma permite identificar as necessidades de cada aluno, o que ele já sabe, conhece e entende. Suas aspirações e características. Ganhamos tempo e informações que nos ajudarão no nosso trabalho, que estará de acordo com o dia-a-dia dos alunos e aproximará a escola dos estudantes e vice-versa”.

No início deste ano, todos os professores da escola se reuniram para elaborar o planejamento de trabalho. Divididos, inicialmente, por áreas de conhecimento e depois por segmentos, os professores debateram, avaliaram e definiram um planejamento anual que desse conta dos conteúdos propostos pela Multieducação e das especificidades da realidade de

cada turma. “Foram dois dias de intenso trabalho, mas valeu a pena. Tudo que planejamos foi registrado para auxiliar o trabalho do professor. A participação de todos os profissionais foi valiosa e extremamente rica”, comemora a coordenadora pedagógica da escola, Lúcia Maria Lessa Pinheiro.

Quando os professores estão integrados, quando o planejamento é construído coletivamente e traduz os objetivos do Projeto Político-Pedagógico da escola, quando as práticas pedagógicas estão contextualizadas com o dia-a-dia dos estudantes, a escola cumpre o seu papel, mesmo enfrentando todo o tipo de dificuldade. Os desafios, à primeira vista, intransponíveis, são pouco superados. Por conta disso, novos replanejamentos são realizados. E é isso que mantém a escola viva. ■

**Um exemplo de matriz de planejamento**

Atividade	26 feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
<b>Trabalho Individual</b>	folha de estudo de literatura (compreensão da leitura)	folha de estudo de literatura (compreensão da leitura)	folha de estudo de literatura (compreensão da leitura)	folha de estudo de literatura (compreensão da leitura)	folha de estudo de literatura (compreensão da leitura)
<b>Trabalho Coletivo</b>	preparação de projeto	elaboração de projeto	elaboração de projeto	elaboração de projeto	elaboração de projeto
<b>Produção de Texto</b>	leitura de texto	leitura de texto	leitura de texto	leitura de texto	leitura de texto
<b>Brincadeiras</b>	quimada	quimada	quimada	quimada	quimada
<b>Trabalho em Grupo</b>	negotio do pop de quer (pa equipe)	negotio do pop de quer (pa equipe)	negotio do pop de quer (pa equipe)	negotio do pop de quer (pa equipe)	negotio do pop de quer (pa equipe)
<b>Leitura</b>	A Galinha Roubada	A Galinha Roubada	A Galinha Roubada	A Galinha Roubada	A Galinha Roubada
<b>Paralelo</b>	quadro mágico	quadro mágico	quadro mágico	quadro mágico	quadro mágico
<b>Teatro</b>	copiar a novela pesquisada	copiar a novela pesquisada	copiar a novela pesquisada	copiar a novela pesquisada	copiar a novela pesquisada
<b>Avaliação</b>	planejamento da semana (bola a turma)	planejamento da semana (bola a turma)	planejamento da semana (bola a turma)	planejamento da semana (bola a turma)	planejamento da semana (bola a turma)

## Planejamento, avaliação e acompanhamento

### Uma relação indissociável

Em recente debate sobre planejamento e projeto político-pedagógico, uma educadora afirmou que todo ano “a novela se repete”: muito se falava, mas poucos eram os avanços. Grandes palestras, oficinas, debates. Os dias passam rapidamente e, quando vemos, já entramos na rotina escolar, premidos pelo calendário, pelas urgências “burocráticas”, pela necessidade de cumprir o “conteúdo”, a legislação, tantas obrigações... que nem sobra tempo para o “pedagógico”. E nos perguntamos: como escrever outra história? Será que há saídas? Respondemos que sim e que outro mundo é possível, desde que este enredo seja assumido mais coletivamente, capítulo a capítulo, por todas as pessoas, sem perdermos a visão do todo.

Mudar os rumos da história não é fácil e começa com a tomada de consciência para o fato de que por trás de qualquer ação há sempre uma intenção. Se pensarmos na educação escolar, existe sempre um projeto a favor ou contra a emancipação humana, mesmo que ele não esteja explicitamente formalizado. Evidenciar estes nós é uma forma inicial de desatá-los.

Dialogando com a professora, cabe-nos também discutir o sentido de “acompanhamento”, que, etimologicamente, significa caminho, caminhada. É possível caminhar só ou acompanhado. Mas quem caminha só perde a

oportunidade de passar o bastão para outra pessoa a sua frente e, com isso, demora mais para chegar e retarda o caminho dos demais. Andar junto fortalece a empreitada, dá mais ânimo durante o percurso e encoraja a quem, no passo solitário, poderia perder, aos poucos, o próprio sentido da caminhada. Além disso, mesmo que se cometam alguns equívocos no trajeto, eles poderão render boas aprendizagens coletivas. E mais: caminhar junto é humanizar-se no processo.

Por outro lado, avaliar pressupõe organizar a campanha. Não se trata de, aleatoriamente, seguirmos juntos a mesma estrada. Trata-se, ao contrário, de decidirmos dialogicamente sobre o que será importante no nosso trajeto, de percorrermos diferentes caminhos e, com unicidade, deliberarmos sobre o melhor deles. Avaliar é fazer julgamentos de mérito, de valor. Ao mesmo tempo em que avaliamos somos avaliados(as); por isso, não faz sentido continuarmos pensando que apenas um participante do processo pedagógico - por exemplo, o professor - deva ser o único a decidir sobre o quê, como, quando e a partir de quais padrões e critérios se vai avaliar a aprendizagem ou o que acontece em toda a escola.

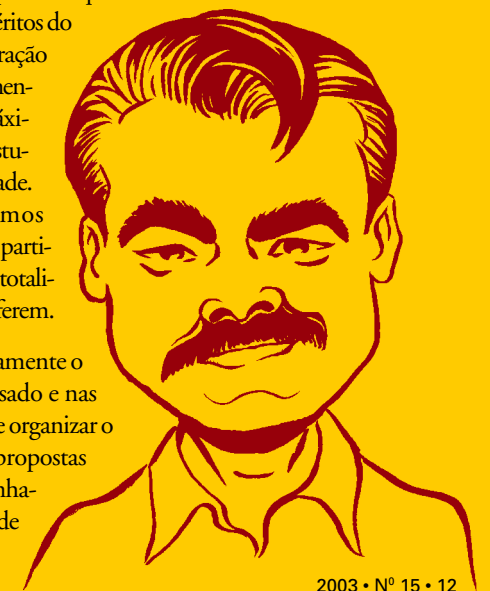
E quanto ao planejamento? Como planejar sem “ler o mundo”? Como intervir democraticamente na realidade sem conhecê-la processualmente, sem acompanhar o que aconteceu, sem avaliar os problemas e os méritos do que já fizemos? Lembremo-nos que a separação entre planejamento, avaliação e acompanhamento do processo educacional deve ser, no máximo, um recurso didático-pedagógico para estudarmos e enfrentarmos os desafios da realidade. No entanto, estamos diante de termos indissociáveis que se reportam às dimensões particulares e universais da realidade, portanto, à totalidade complexa dos contextos aos quais se referem.

Quando planejamos, pensamos necessariamente o futuro, com base nas experiências do passado e nas vivências do presente. Planejar é antecipar e organizar o caminho. É definir princípios, diretrizes, propostas de ações e, principalmente, como acompanharemos e avaliaremos este processo. E isso pode

ser feito com muita ciência, com seriedade e, ao mesmo tempo, com muito prazer, amorosidade e afetividade.

Quanto mais dialógica, prazerosa, democrática e participativa for a caminhada, mais estaremos contribuindo para mudar e melhorar a nossa escola, a nossa educação e a nossa sociedade e, por conseguinte, para diminuir cada vez mais o intervalo entre intencionalidades, discursos e práticas. ■

\* Doutor e mestre pela Faculdade de Educação da USP. Diretor Pedagógico do Instituto Paulo Freire, professor-pesquisador do Núcleo de Pesquisa do Curso de Pedagogia (Nupped) da Unicastelo/SP e docente da Associação Educacional Nove de Julho - Uninove/SP. É autor do livro *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.





# Tira-dúvidas sobre piolho

Serviço da Fiocruz dá dicas de como se prevenir contra a enfermidade

Atenção, professores: dados do Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz mostram que cerca de 30 a 40% das crianças de 3 a 7 anos têm piolho. E o que é mais alarmante: hoje não há uma única escola do Rio de Janeiro que não tenha um de seus alunos com a enfermidade. Júlio Vianna Barbosa, biólogo responsável pelo projeto *Estudo da Pediculose*, afirma que, na prática, os números devem ser bem maiores do que os registrados: "Isto porque existe uma ocultação dos casos, por parte das escolas, dos pais ou dos professores. As pessoas têm vergonha de assumir que seus filhos estão com piolho. Acreditam que a doença está ligada à falta de higiene e às classes menos favorecidas. O que não é verdade".



O piolho é um inseto que pode parasitar qualquer pessoa, independentemente de classe social e cor de pele. Ao contrário do que se pensa, o piolho não voa e não pula. Sua transmissão se dá pelo uso comum de objetos, como bonés, escovas, pentes e prendedores de cabelo. Gosta de ambientes com alta temperatura e umidade e se reproduz com extrema rapidez. Um piolho fêmea, por exemplo, coloca, em média, durante sua vida, de 150 a 180 ovos.

Como se alimenta de sangue, cria feridas. "Feridas perigosas, pois, ao se alimentar de sangue, os piolhos defecam e, se houver bactérias em suas fezes, elas entram em contato com a corrente sanguínea, podendo provocar, por exemplo, febre, anemia e gânglios atrás das orelhas, deixando as pessoas debilitadas. Portanto, a prevenção é a solução. Às vezes, os pais e os professores acham que o piolho é uma enfermidade apenas de crianças e jovens. Não é verdade. O uso dos mesmos objetos, até mesmo de travesseiros, é uma forma de se transmitir a doença. Já vi famílias inteiras com piolho", explica Júlio.

Com o objetivo de tirar dúvidas da população, incentivar a prevenção, oferecer cursos de capacitação para professores da cidade do Rio e desenvolver pesquisas na área de pediculose, o Instituto Oswaldo Cruz mantém, desde 1997, o serviço Disque Piolho, que funciona de segunda a sexta-feira. Em breve, o Instituto reativará também o programa de visitas às escolas do município do Rio. Uma equipe de estudantes e pesquisadores irá às escolas para conversar com os alunos e professores. Levarão materiais informativos, álbuns ilustrativos sobre o assunto e microscópios, onde a garotada poderá ver bem de pertinho e com bastante nitidez os piolhos. As escolas interessadas já podem entrar em contato com o departamento. ■

## Tome nota

• Use sempre o pente fino, independente de a criança estar ou não com piolho. Além de ser uma medida preventiva, é a forma mais correta de retirar os piolhos e as ninfas (filhotes de piolho) do couro cabeludo

• Se a criança está com piolho, dilua uma porção de vinagre em água (na mesma proporção). Molhe um pedaço de algodão na mistura e, como se fosse uma escova, deslize-o em cada 3 ou 4 fios de cabelo. A mistura remove os piolhos e seus ovos

• Não use nenhum medicamento sem orientação médica

• Nunca use querosene, Neocid ou qualquer outro inseticida, pois são tóxicos ao ser humano

• Ferva sempre os objetos pessoais, como pentes, bonés, lençóis e roupas



### Disque Piolho

Projeto Estudo da Pediculose  
Instituto Oswaldo Cruz  
Telefones:  
2598-4378 / 2598-4380 /  
2598-4381 ramal 126

# Uma saudável parceria

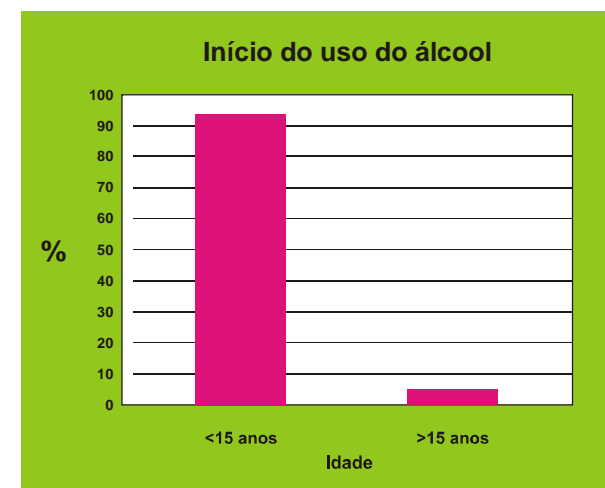
Programa une escola e comunidade em torno de práticas de promoção de saúde

Nota dez para a saúde escolar da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Atualmente, o município do Rio é apontado pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) como referência, no Brasil, no desenvolvimento da proposta Escola Promotora de Saúde. Idealizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), essa iniciativa visa imprimir um novo conceito de trabalho na interface saúde e escola.

Na prática, trata-se de uma proposta que pressupõe parceria entre a escola, a comunidade e os serviços de saúde de uma determinada região, com o objetivo de desenvolver - em conjunto - práticas de promoção de saúde que atendam aos reais interesses das comunidades locais. No Rio, o projeto está vinculado ao Programa Saúde Escolar da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), coordenado pelo médico Carlos dos Santos Silva: "O objetivo é debater com as pessoas de que forma elas podem e devem ser responsáveis pela promoção da saúde de sua escola, de sua comunidade, de seu bairro. É uma nova forma de discutir saúde em espaços escolares, muito distante do caráter assistencialista e emergencial".

Discussão que foi iniciada no final do ano 2000, quando equipes do projeto começaram a percorrer escolas da rede com a intenção de construir um projeto de saúde local que desse prioridade a temas de interesse dos próprios alunos, professores e funcionários. O trabalho inédito foi desenvolvido nestes dois últimos anos, inicialmente em 120 escolas, abrangendo 114 mil alunos, e teve como ponto de partida o resultado de uma ampla pesquisa realizada entre maio de 1999 e junho de 2001, com aproximadamente 1.600 alunos, a partir de 7 anos, matriculados no Ensino Fundamental (ver gráficos).

**Debates** - O levantamento identificou que situações de conflito, questões ligadas à sexualidade, às doenças sexualmente transmissíveis e ao uso indevido de drogas podem afetar a saúde e, conseqüentemente, a qualidade de vida dos alunos e de sua comunidade. De posse destas informações, a equipe elaborou o projeto piloto da proposta Escolas Promotoras de Saúde e realizou uma série de oficinas, encontros, seminários e centros de estudos entre médicos e professores, com o objetivo de discutir os temas e construir projetos comu- ▶



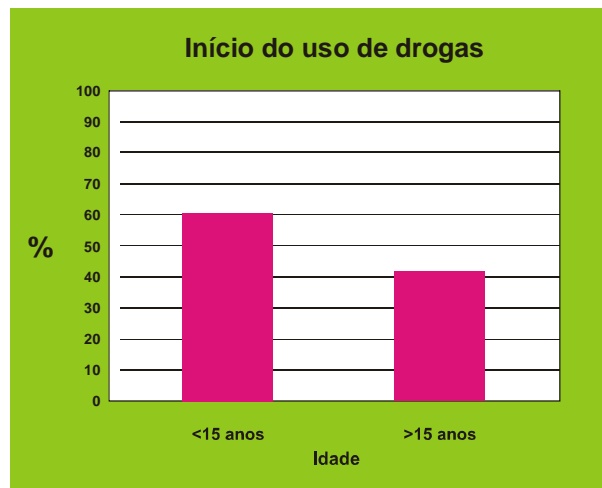
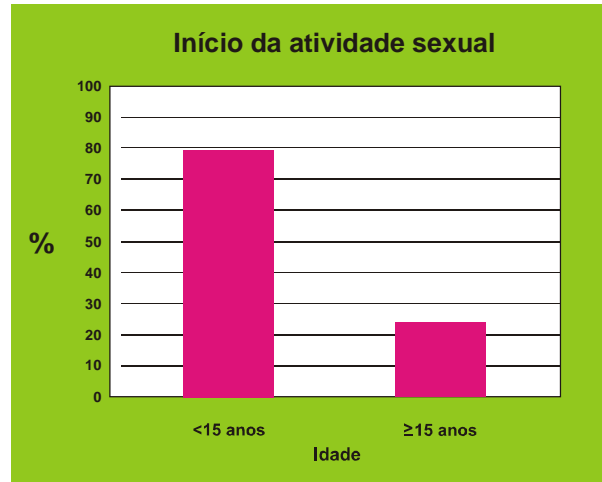


nitários. Paralelamente, o programa também iniciou atividades de promoção de saúde nas escolas, buscou referência de atendimento médico e elaborou parcerias com outros departamentos e órgãos da Prefeitura do Rio para desenvolver iniciativas visando à promoção de saúde nos ambientes escolares. Foram publicados informativos, revistas e coleções pedagógicas, que dão informações sobre meio ambiente, qualidade de vida e outros temas ligados à saúde.

Para este ano a meta é divulgar em cada uma das escolas da Prefeitura do Rio a iniciativa do programa Escola Promotora de Saúde, fazendo com que elas se tornem unidades multiplicadoras de práticas, atitudes e ambientes saudáveis, como explica o coordenador Carlos dos Santos Silva: “Na verdade, toda escola pode ser promotora de saúde. Este é o nosso objetivo. É preciso, antes de tudo, refletir, debater e abordar as necessidades e demandas da escola a partir de suas prioridades, além de formu-

lar ações para a construção de um ambiente saudável e estabelecer parcerias com os serviços de saúde para subsidiar o trabalho de promoção de saúde na comunidade”.

No último dia 21 de maio, o Programa de Saúde Escolar divulgou o livro *Solta a voz: saúde e riscos em escolares*, publicação que reúne a pesquisa realizada entre 1999 e 2001 com alunos da rede. Os dados coletados sobre o que pensam e como agem crianças e jovens em relação à sexualidade e às drogas, por exemplo, são de extrema importância para o replanejamento de ações das escolas promotoras de saúde. Cada uma das dez Coordenadorias Regionais de Educação do Rio recebeu o livro. ■



Fonte: Carlos dos Santos Silva. *Solta a voz: saúde e riscos em escolares*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde, 2002, pp. 154-155.

### Para criar uma escola promotora de saúde...

...construa ambientes saudáveis que favoreçam relações interpessoais mais harmônicas e solidárias na comunidade;

...identifique com a comunidade escolar demandas e necessidades para discutir em grupo as prioridades, as propostas e a busca de soluções possíveis;

...identifique os parceiros locais da escola e outros possíveis que possam se articular e se somar às atividades de promoção de saúde na comunidade;

...destaque os trabalhos, projetos e sugestões para melhoria da qualidade de vida e observe como se encaixam nos eixos principais de uma Escola Promotora de Saúde. Um painel pode ser boa estratégia para divulgar, repensar, planejar e incentivar a comunidade;

...a formação de um grupo de trabalho facilita a construção coletiva de propostas e ações no desenvolvimento de uma ação local mais efetiva e sustentável.

## Um outro olhar sobre a TV

Equipe de Aquisições investe na variedade de gêneros e formatos na hora de selecionar documentários, animações e filmes que irão ao ar

Quem assiste à programação da MULTIRIO não imagina o trabalho que está por trás da seleção de animações, séries e documentários que irão compor a grade. São horas na frente da TV, visionando programas produzidos no Brasil e no exterior. Sem falar na revisão das traduções das legendas e na escolha das vozes para dublar falas de personagens, quando se trata de programa inédito.

Este trabalho é realizado por Lilian Oswald Cruz e Roberto Carlos de Paula, da Assessoria de Aquisições. Entre 2001 e 2002, eles assistiram a quase 200 horas de programas, que resultaram na compra de 72 títulos (ou, aproximadamente, 95 horas anuais). Todo o processo é acompanhado por uma comissão interna da MULTIRIO e por professores da rede municipal de ensino, que assistem às fitas e aprovam-nas para a aquisição. “As reuniões com a SME são sempre muito produtivas. Os debates em torno dos temas tratados nos programas são ricos e as sugestões de como usá-los com os alunos, muito criativas”, observa Lilian.

Com quase 20 anos de experiência na área, com passagens pela direção de programação da TV-Escola, da TVE, pela coordenação de Educação à Distância do Ministério da Educação e pelo Departamento de Difusão Cultural da Embrafilme, Lilian investe na variedade de formatos, gêneros e assuntos. A intenção, como ela mesma informa, “é oferecer para alunos e professores da rede uma outra visão do produto audiovisual, que vá além daquela veiculada pela TV comercial”.

Este ano, oito programas já estão em fase de aquisição. Todos eles foram escolhidos com cuidado para atender a necessidade de diversificação. Há séries de animação, documentários, docudramas e filmes produzidos em países como Inglaterra, Tchecoslováquia e Croácia sobre temas diferentes, como relação familiar, ética, ciências, história etc. Entre as novidades, há episódios inéditos da divertida série de animação Matilda, que trata de questões ligadas ao meio ambiente. ■



Roberto Carlos de Paula e Lilian Oswald Cruz

### O que não pode faltar na sua videoteca\*

#### Crônicas da minha escola

Série francesa de 20 programas que mostra como vivem e estudam os alunos em países de diferentes continentes. Tem a educação como eixo narrativo e a escola como agente de humanização e constituição da cidadania.

#### Cenas do século

Com imagens exclusivas e recursos visuais de última geração e música original, esta produção canadense apresenta os momentos mais importantes dos últimos 100 anos.

#### A arte em questão

Produção francesa que mostra obras de arte que foram importantes em seu tempo. Os oito programas foram filmados dentro dos grandes museus parisienses, como o Louvre e o d'Orsay.

#### Ecovideo

Esta série brasileira, composta de 10 programas, recorre ao relato de pessoas que mantêm estreita relação com a natureza para abordar noções básicas de ecologia. O cenário é a bela região amazônica.

#### Contos desfeitos

Os contos clássicos da literatura infantil são recriados em ambiente atual nos 20 episódios desta série francesa.

#### Matilda

Matilda é uma pata intrometida que está sempre tentando corrigir a natureza, espantando-se com os resultados - por vezes desastrosos - de sua intromissão. A série aborda a inter-relação dos seres vivos e a relação destes com o meio ambiente. A produção é da Tchecoslováquia.

#### Meu pequeno planeta

Casal de irmãos, conduzido por uma aranha, explora as relações com a natureza, desvendando seus segredos e facilitando a constituição de conceitos científicos. A série, produzida na França, é composta de 26 programas.

#### Alma negra

Mulher conta para o neto a história de seus ancestrais, trazidos da África para a América como escravos, revelando, por meio de belíssimas imagens animadas, o processo de abolição da escravidão. Produção canadense.

#### Shakespeare

A série apresenta os textos do dramaturgo inglês no formato de animações. Cada episódio tem um diretor diferente, o que faz da série rico material para se discutir a transposição de textos para a linguagem visual, além de ser fundamental ao estudo da literatura universal. A produção é uma parceria entre Inglaterra e Rússia.

\* Seleção feita pelo grupo de visionamento da SME.



# Oficina ensina como elaborar projeto na escola

Cerca de 500 professores já foram capacitados

Projeto. No dicionário, descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado; plano; delineamento; esquema. Na prática, uma tarefa das mais complicadas para muitos daqueles que se propõem a realizá-la. Especialmente quando se trata de um projeto de trabalho que estrutura e integra conteúdos de aprendizagem.

A equipe do site Século 21, da MULTIRIO, vem realizando, há alguns meses, uma série de oficinas cujo objetivo é discutir com os professores da Prefeitura do Rio a importância de se trabalhar nessa perspectiva e, com vistas à **Mostra Século 21**, como desenvolver projetos que incorporem a mídia no processo educativo, tendo como ponto de partida o conteúdo do site.

As dinamizadoras Jacqueline Guerreiro, professora de História da Prefeitura, e Simone Fadel, do Pólo de Ciências e Matemática da Escola Municipal Orsina da Fonseca, já capacitaram cerca de 500 profissionais e apontam que há uma falta de entendimento sobre o que, de fato, é trabalhar com projeto na escola. “As dúvidas vão desde questões gerais, do tipo como convencer a equipe da escola a montar um projeto de trabalho ou como articulá-lo com o Projeto Político-Pedagógico, até as mais práticas como, por exemplo, estabelecer os objetivos do projeto”, informa Jacqueline.

Questões pertinentes, sem dúvida, e que se somam ao fato de alguns professores terem usado pouquíssimo o computador. Diante disso, no início de cada encontro, chamado de Oficina de Elaboração Criativa de Projetos, as dinamizadoras fazem uma espécie de sensibilização do público com a linguagem da informática, usando o conteúdo do site, seja pela internet ou com o CD-ROM. Daí partem para a questão do uso da mídia e para as etapas de desenvolvimento de um projeto que incorpore as diferentes linguagens da mídia no cotidiano escolar.

**Articulação** - Nesse sentido, uma das idéias discutidas pelas dinamizadoras é que, seja qual for o projeto, ele deve estar articulado com os temas pertinentes àquela comunidade escolar. Antes de começar a elaborá-lo é importante que os professores tentem responder a algumas perguntas: quais as potencialidades da minha escola, que assuntos interessam a essa comunidade, que habilidades os profissionais desta unidade têm, de que forma este projeto pode ajudar a superar algumas dificuldades daquela comunidade etc.

Daí em diante é partir para a formatação propriamente dita. E é exatamente nesta etapa que muitas das dúvidas aparecem, principalmente pelo fato de ter que se estabelecer um vínculo entre a idéia a ser implementada e o trabalho já realizado na escola. “Os professores conseguem identificar bem as questões que interessam à unidade escolar, mas têm dificuldade na hora de fazer uma análise do que é o problema. Normalmente eles se limitam a descrevê-lo e não chegam a refletir sobre o que aquela situação concreta representa para o cotidiano da

escola”, explica Simone. Esse “diagnóstico” é fundamental, pois dará subsídios para a equipe de professores estabelecer os objetivos gerais do projeto - as metas, o que se pretende atingir, a contribuição para a comunidade escolar -; e os específicos - de que forma e realizando que tipo de atividades para que as metas estabelecidas sejam alcançadas.

Um outro aspecto que Jacqueline e Simone procuram discutir é a necessidade de se ter uma visão orgânica do projeto. É muito comum nas escolas, segundo elas, se planejar um empreendimento de forma burocrática e hierarquizada. Geralmente se faz um planejamento “vertical”, que não vincula os objetivos às atividades que serão realizadas, o que torna difícil, por exemplo, estabelecer critérios para avaliar as etapas do trabalho.

Avaliação, aliás, é um dos assuntos que mais se discute nos encontros. “Não há uma cultura na escola de avaliação de processo. Pouca coisa costuma ser registrada e se pensa pouco nas formas de verificar se as metas foram, de fato, alcançadas”, diz Simone. Por conta disso, nas oficinas se trabalha bastante a idéia de que o registro, com fotos e textos explicativos, deve ser feito ao longo do processo. E para que sirva de base para a criação dos critérios de avaliação, o registro deve sintetizar os principais momentos do desenvolvimento do trabalho, como define a professora: “Aqueles que expressem o que foi estabelecido nos objetivos do projeto”.

A Mostra Século 21 de Projetos Educacionais é uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Educação e da MULTIRIO, que visa incentivar a utilização da mídia no processo de aprendizagem. As inscrições estão abertas até o dia 30 de setembro e podem participar professores de 5ª a 8ª séries ou do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), que tenham desenvolvido trabalhos com pelo menos uma das diferentes mídias. Todos os projetos devem ter como ponto de partida um dos temas abordados no site Século 21. Os cinco melhores projetos serão apresentados durante a Mostra, realizada em novembro em parceria com a Divisão de Mídia e Educação da SME. Para outras informações, acesse o site [www.multirio.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21) ou ligue para 2528-8220.

## Para sua atualização

Curiosidades científicas, os sonhos infantis e o belo conto Pedro e o Lobo estão em destaque



TV

### As Crianças Perguntam

#### Sinopse

Os 12 episódios que compõem esta série partem de perguntas feitas por crianças para tratar de temas ligados às ciências naturais (animais, diferentes partes do corpo, fenômenos da natureza). As questões são abordadas a partir de uma perspectiva educativa.

#### Na Escola

Este programa é uma boa oportunidade para o professor das séries iniciais do Ensino Fundamental trabalhar a noção de pesquisa e das etapas deste tipo de atividade. Antes de iniciar a atividade vale a pena refletir, junto com toda a equipe pedagógica, sobre algumas questões: O que define o início de uma pesquisa? Pesquisar é fazer cópias de livros ou textos da internet, que pouco entendemos? Qual é o objetivo de uma pesquisa?

Incentive sua turma a guardar o resultado das pesquisas realizadas ao longo do ano e escolham juntos o que julgarem ser mais interessante para mostrar às outras turmas (livros confeccionados, experiências realizadas, murais construídos e fotos registrando diferentes etapas destes trabalhos, por exemplo). Se mais de uma turma estiver envolvida na atividade, pode-se, ao final do ano, organizar uma mostra de toda a produção, aberta ao público.

#### Sugestão de Leitura

BROTTO, F.O. *Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. Projeto Cooperação. Ed. Renovada Santos: SP, 1997.



Reprodução





Reprodução

TV

## Um Sonho de Criança

### Sinopse

A série, composta de 13 episódios, é um convite para a descoberta do mundo dos sonhos infantis. Cada episódio apresenta uma criança, entre 6 e 12 anos, descrevendo e ilustrando seu sonho. Os temas são variados e tratam desde relações com os animais, com a família, até medos e fantasias. A técnica de animação confere à produção um caráter inovador e um aspecto visual estimulante.

### Na Escola

Professores de Artes e Língua Portuguesa podem usar o programa para realizar um projeto integrando conceitos trabalhados nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Vejamos como: a manifestação artística compreende o ato de imaginar, criar, construir e transformar dimensões da vida ligadas à sobrevivência do homem no mundo. Uma das preocupações de professores que atuam no Ensino Fundamental é oferecer aos alunos oportunidades para que eles possam experimentar o mundo e, a partir daí, interpretá-lo, recorrendo aos cinco sentidos e às diferentes linguagens. A narração de sonhos ou mesmo de histórias imaginadas e representadas de formas bem variadas fortalece a constituição de conceitos em diferentes áreas do conhecimento.

Outra proposta interessante é integrar artes e a linguagem matemática. Pode-se trabalhar com associações livres e brincar usando “A caixa de regras”, atividade em que o professor propõe que os alunos sentem-se em círculo. Na roda o professor segura uma caixa nas mãos e pede que cada criança diga uma palavra. Das palavras, apenas algumas serão postas na caixa (à medida que os alunos forem falando, o professor diz “essa entra, essa não”), obedecendo a critérios criados pelo professor. Os alunos devem descobrir qual foi a regra usada para botar esta ou aquela palavra na caixa. A regra pode estar relacionada a vários conceitos, como coisas vivas, cores, formas, funções (o que se usa para comer, para dormir, para tomar banho etc.).

### Fique Atento!

Exercitar as diversas linguagens (plástica, cênica, oral etc.) capacita as crianças a se expressarem de forma mais rica, criativa e, conseqüentemente, mais autônoma. Os episódios apresentados nesta série provocam uma reflexão sobre a relação entre a dimensão lógica e a dimensão estética da realidade: enquanto a lógica organiza, classifica, qualifica, ou seja, estabelece critérios, a estética propõe brincar com estes critérios.



Área de Conhecimento
Artes

Ficha Técnica
<b>Tipo de produção:</b> Animação
<b>País:</b> Canadá
<b>Produção:</b> Tooncan Production Inc.



TV

## Pedro e o Lobo

Área de Conhecimento
Música

Ficha Técnica
<b>Tipo de produção:</b> Animação
<b>País:</b> França
<b>Produção:</b> Capa Prod.

### Sinopse

Adaptação de conto musical de Sergei Prokofiev, com atores reais contracenando com personagens e cenários produzidos em computação gráfica. O resultado desta combinação é um cenário mágico que estimula a fantasia das crianças.

### Na Escola

Neste conto, criado em 1936, cada personagem é representado por um instrumento musical. O programa, além de promover entretenimento, é uma excelente fonte de pesquisa, pois apresenta instrumentos musicais pouco conhecidos pelo público em geral, como oboé, clarineta, trompa, entre outros. A partir da proposta deste vídeo, pense na realização de uma atividade cênica, na qual outros instrumentos, diferentes dos apresentados no filme e produzidos pelos alunos, possam dar vida à história representada ou criada pelo grupo. Também pode ser interessante dividir a turma em grupos. Cada um deve ficar encarregado de uma função específica: criação e produção de instrumentos, produção do texto teatral etc. O terceiro momento desta proposta será associar a sonoridade dos instrumentos ao estilo e à forma de encenar o texto.



Reprodução

### Programação MULTIRIO

#### Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

#### BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h

Sábado e domingo, das 10h às 11h

**Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!**



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet



# Por uma prática educativa mais consciente

## O professor precisa acreditar nas potencialidades de seus alunos

Trabalhando em turmas cujos alunos apresentam muitas dificuldades na constituição de conhecimentos, conceitos e valores, percebi, ao longo do tempo, que algumas práticas podem ajudar a consolidar o trabalho do educador.

É muito importante, ao iniciar o ano letivo, que o perfil de cada educando e da turma, de um modo geral, seja traçado por meio de uma diagnose. E que durante todo o período letivo o professor acompanhe os progressos dos alunos, registrando os avanços, as modificações percebidas, bem como as estratégias utilizadas e as intervenções feitas, a fim de que as dificuldades apresentadas durante todo o processo sejam superadas.

O educador precisa compreender que os resultados, na sua grande maioria, dependem de uma ação pedagógica consciente e direcionada. Nesse sentido, o planejamento ocupa uma posição de real importância, pois possibilita ao professor coordenar e sistematizar sua prática, de modo interdisciplinar, explorando e ampliando as experiências dos educandos, de forma diversificada e dinâmica.

Rubem Alves demonstra preocupação em relação a este aspecto quando afirma: “Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais”. Isto significa que, ao planejar, o professor precisa refletir não só em relação aos conteúdos a serem trabalhados, mas a tudo o que diz respeito ao processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores.

Outro aspecto relevante no planejamento é a questão da função social dos conteúdos. De um modo particular, o planejamento deve atender às especificidades dos educandos e da comunidade, se aproximando o máximo possível do contexto social, e, ao mesmo tempo, se conectar ao mundo e às suas constantes transformações, de modo a intermediar e aprimorar as várias linguagens e conhecimentos. Tudo o que se experimenta e se vive é mais facilmente interiorizado. Que realidade temos? Que realidade pretendemos? Como? Precisamos nos perguntar a todo momento.

Paulo Freire diz que “... não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos; há homens que, juntos, buscam saber mais...”. Esse é outro ponto importante a ser observado: a sala de aula. Tanto o aluno quanto o professor têm muito a aprender um com o outro, por isso esse espaço deve ser marcado por momentos de troca de experiências, de conhecimentos, onde o crescimento ocorra de maneira coletiva. É também de Paulo Freire a afirmação de que “não há diálogo se não há uma intensa fé no homem, no seu poder de fazer e refazer”. Em outras palavras, o educador precisa acreditar, fervorosamente, nas potencialidades de seus educandos, e interferir de modo adequado e eficiente para que os obstáculos que apareçam durante a caminhada sejam superados. E é a certeza de estarmos no rumo certo que nos traz tranquilidade e nos anima a continuar. A cada dia temos sido desafiados a mudar e a inovar. O ambiente escolar é o lugar privilegiado para esses acontecimentos, e o diálogo, ponto de partida e chegada.

O constante aperfeiçoamento do educador nesse processo é essencial. Seus conhecimentos precisam ser atualizados e consolidados, de forma a se sentir capaz de utilizá-los com o máximo de aproveitamento e destreza em meio à diversidade, pois é por meio dela que temos a oportunidade de desenvolver os diferentes tipos de inteligência. A postura diante da avaliação é preponderante! É necessário ter uma visão global do educando e compreender o constante processo de constituição de conhecimentos, não perdendo de vista os objetivos propostos. Não podemos utilizar a avaliação como instrumento de exclusão e classificação. Avaliar é acolher, construir e incluir! Sugere ação, tomada de decisão. A avaliação viabiliza um ensino melhor. Como temos usado os mecanismos de avaliação? Como recurso disciplinar? De submissão? Aplicar esses instrumentos requer cuidado porque se trata de seres humanos com suas peculiaridades e múltiplas experiências. Sendo assim, não implica em aprovação ou reprovação, e sim numa melhoria da qualidade de vida. Ao longo do período letivo nosso olhar precisa ser acolhedor, entendendo as diferenças individuais, e nossas ações voltadas para a possibilidade de superação, de sucesso.

Muitos são os desafios enfrentados. Mas não deixemos cair no esquecimento o fato de que somos mediadores de esperanças, e se desanimarmos estaremos comprometendo inúmeras vidas. O educador faz a diferença a partir do momento em que assume uma postura de enfrentamento diante dessas circunstâncias desfavoráveis que nos cercam. A escola/professor tem servido de referencial para muitos de nossos alunos, que buscam uma direção, um futuro. Há que se acolher, que se amar! Por isso, se desejamos formar cidadãos, sujeitos de seu próprio conhecimento, autônomos e críticos, temos que primeiro servir de exemplo. O discurso e a prática não podem se separar. A escola é o lugar de compartilhar, de crescer e de se realizar.

Não existem “fórmulas milagrosas”. Mas há preceitos e diretrizes que devem nortear a prática pedagógica de cada educador, além de muita disposição, pois “nada de grande no mundo é feito sem paixão” (Hegel). ■

Leila Ferreira de Salles

• Escola Municipal Zilda Nunes da Costa



Se você quiser colaborar com esta nova seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub\_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15-9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.



# Leitura e arte, um encontro promissor

Em Portinholas, Ana Maria Machado reúne poesia à obra de Portinari

Um feliz encontro da escritora que gosta de pintar com o pintor que gostava de escrever. Assim é Portinholas, o mais novo lançamento de Ana Maria Machado que, com 33 anos de carreira, mais de 100 livros publicados no Brasil e em mais 17 países, e vários prêmios tomou posse na Academia Brasileira de Letras no último dia 29 de agosto.

Em 48 páginas, um texto poético conta a história da menina que fica tão maravilhada ao folhear um grande livro com as pinturas de Candido Portinari que consegue, através dele, viajar por um mundo cheio de meninas com belos laços de fita, meninos que se divertem jogando futebol e soltando pipas e palhacinhos que brincam de gangorra. Como ilustrações fotos de telas do artista e desenhos de Luísa Martins Baêta Bastos.

Homenagear Portinari era um sonho antigo de Ana Maria Machado. No texto de apresentação de Portinholas ela escreve: "Este livro levou anos amadurecendo. Nasceu de dois projetos distintos. Um era o sonho de fazer uma história ilustrada com pinturas de Portinari. Outro era a idéia de trabalhar com desenhos infantis e explorar a criação artística. De um jeito atraente para crianças, sem dar a impressão de aula". Ela conseguiu, de uma forma encantadora e cheia de magia, reunir as duas idéias e lançar seu Portinholas no ano do centenário do pintor.

Grandes pintores, aliás, já foram tema de muitos livros, geralmente traduções, para crianças. No entanto, só mais recentemente, segundo a escritora Neide Duarte, é que a obra de artistas famosos, e não apenas sua biografia, está disponível para o público infantil. Ela mesma, junto com Mércia M. Leitão, é autora de três publicações do gênero. Uma sobre a obra de Jean Baptiste Debret, outra sobre Tarsila do Amaral e uma terceira que trata do trabalho de Angelo de Aquino.

Especialista em artes plásticas e integrante da equipe de projetos culturais do Departamento de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação, ela acredita que não poderia ser mais promissora a união de arte e literatura. "Normalmente se constrói o texto e depois se faz a imagem. É importante oferecer às crianças outras formas de relacionar texto e imagem", diz. E é exatamente o que ela e Mércia propõem nos três livros que fizeram juntas.

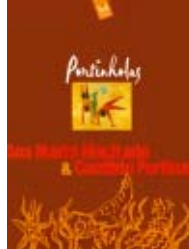
São três artistas de diferentes momentos da arte brasileira, com estilos diversos, que retrataram bem o seu tempo. Em cada uma das publicações o leitor é convidado a interagir, seja criando um texto para uma imagem e vice-versa ou recriando uma determinada imagem. "Eu sempre imagino que o artista ficaria mais satisfeito sendo conhecido mais pela sua obra do que pela sua biografia", observa. ■

## Portinholas

Ana Maria Machado

Il. Luísa Martins Baêta Bastos  
Ed. Mercuryo Jovem (2003)

Uma menina que adorava pintar e desenhar casas na areia da praia descobre um grande e belo livro com pinturas de Portinari que abrem portas, portinholas e portinholas para um mundo de sonhos.



## Uma aventura no mundo de Tarsila

Mércia M. Leitão e Neide Duarte

Il. Claudio Martins  
Editora do Brasil S/A (2000)

O universo interessante da pintora Tarsila do Amaral é revelado ao leitor pelos olhos do sensível e atento menino Rafa.

## Em cena Rex, apresentando: vida de cachorro. Um passeio pela obra de Angelo de Aquino

Mércia M. Leitão e Neide Duarte

Il. Mariana Massarani  
Editora do Brasil S/A (1996)

As autoras partem de situações vividas pelo cão Rex, nas telas de Angelo de Aquino, para contar uma história alegre e cheia de aventuras.



## Um fotógrafo diferente chamado Debret

Mércia M. Leitão e Neide Duarte

Il. Zeflávio Teixeira  
Editora do Brasil S/A (1996)

As obras do artista Debret são o ponto de partida desta publicação. As belas imagens e o texto sensível apontam caminhos para se entender o trabalho do famoso pintor francês.



# ESTA PROMOÇÃO NÃO TEM TEMPO LIMITADO.

Agora você vai ao teatro e paga apenas um real. No último domingo de cada mês, os teatros da Prefeitura oferecem uma programação variada de peças teatrais, música e dança para todas as idades, por apenas R\$ 1,00, nos 10 teatros e nas 6 lonas culturais da Prefeitura. Confira a programação. Lonas e teatros do Rio. Sempre um bom programa para você.

E o que é melhor: quase de graça.

RIO

 **PREFEITURA**